

Edição Especial  
Mulheres Fantásticas



# SOMNIUM 124

Somnium é uma publicação oficial do CLFC - Clube de Leitores de Ficção Científica

**Contos de**  
Finisia Fideli

Ellen Reys

Lu Evans

Sandra  
Menezes

Marcia  
Medeiros

**Artigo de**  
Nikelen Witter

**Resenha de**  
Alessandra  
Dossena

**Entrevista**  
com  
**Ana Lúcia**  
**Merege**  
Vencedora  
do Argos



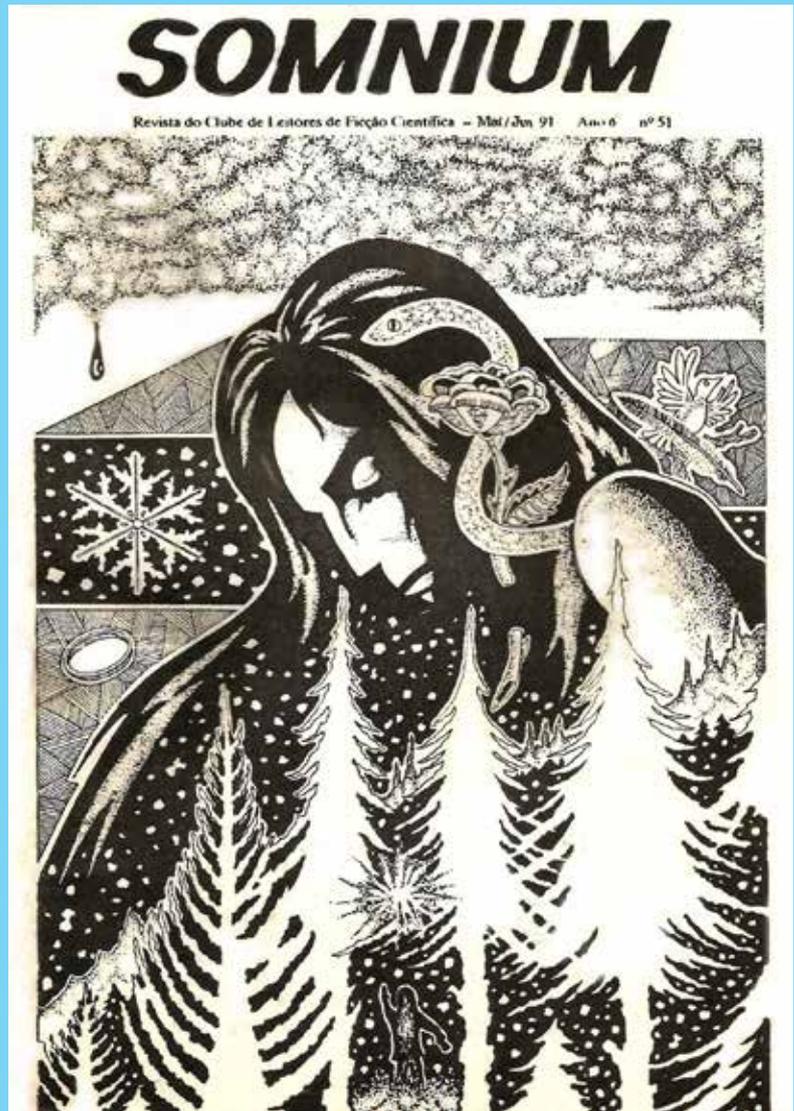
# Editorial

por Luiz Felipe Vasques e Rubens Angelo

Saudações!

**E**m maio de 1991, o CLFC lançou a Somnium nº 51, uma edição totalmente dedicada às mulheres. Luiz Marcos da Fonseca era o presidente do clube na época e o editor da Somnium era Carlos André Mores. Eles apresentaram as “Nossas Protagonistas” com bastante destaque, trazendo textos de autoras do clube como **Finisia Fideli**, **A. B. Maciel**, **Anna C. Z. Zacharias**, **Maria Helena C. S. Bandeira**, **Clara A. A. Giron**, **Martha Argel**, **Jane T. M. de Souza** (poema) e **Lucimara Vianna** (poema). Este foi um momento histórico, não apenas para o CLFC, mas para a própria FC nacional, chamando a atenção para as nossas autoras fantásticas. É com esse mesmo espírito que apresentamos agora um novo especial dedicado inteiramente às mulheres. Elas merecem esse reconhecimento!

Imaginar novas realidades, novos mundos, é algo que está arraigado à cultura humana desde os tempos antigos, portanto, a criação da literatura especulativa é apenas um reflexo dessa nossa qualidade, independente do sexo. E as mulheres sempre participaram da construção deste imaginário, não só como leitoras, mas também como escritoras, como criadoras de mundos. E podemos ter a certeza de que, desde os primeiros passos da literatura, as mulheres têm contribuído para a formação da ficção científica. Um bom exemplo de contribuição feminina para o fantástico na antiguidade é o de **Corinna**, uma poetisa grega que se estima ter vivido entre os séculos V e III a.C. Das suas obras sobreviveram apenas alguns fragmentos, mas os escritos descobertos falam majoritariamente de mitos regionais, retratados pela voz lírica e particular da autora. Um desses poemas conta a fantástica e insólita história sobre uma competição de canto entre duas montanhas, chamadas Cithaeron e Helicon — como se deu efetivamente o evento, só podemos imaginar. Findadas as performances desses monumentais seres rochosos, os deuses votam e o vencedor do concurso é anunciado. Mas no final da história a montanha perdedora, Helicon, atira imensas rochas ao chão em uma avalanche de raiva inconformada.



*A histórica edição número 51 da Somnium, que trouxe apenas histórias escritas mulheres.*

# Editorial

por Luiz Felipe Vasques e Rubens Angelo

Possivelmente, a mulher mais importante para a ficção científica seja **Mary Wollstonecraft Shelley**, esta genial autora britânica foi a responsável pela fundação da FC com seu livro *Frankenstein*. Embora o livro não tenha sido chamado de “ficção científica” até a década de 1920, quando o termo foi inventado, seu “*Frankenstein; or, the Modern Prometheus*”, publicado originalmente em 1818, foi o primeiro romance a centrar-se em um problema da ciência, no caso, a questão ética de criar vida cientificamente. Ao iluminar o antigo gótico sobrenatural com o racionalismo científico — que era a vanguarda das ideias de seu tempo —, Mary Shelley abriu caminho para toda uma gama de narrativas especulativas tendo a ciência como alicerce. O trabalho da autora influenciou nomes de peso como H.G. Wells e Edgar Allan Poe, também precursores da ficção científica.

Mary Shelley abriu caminho para uma infinidade de autoras de FC talentosas, como **Clare Winger Harris**, **Miriam Allen deFord** e **Gertrude Barrows Bennett**, que publicaram suas histórias nas mais importantes publicações da primeira metade do século XX. É graças a elas — e a tantas outras que infelizmente desapareceram na história — que hoje temos uma ficção científica plural e repleta de mulheres consagradas, como **Ursula K. Le Guin**, **Octavia Butler**, **Angela Carter**, **Margaret Atwood**, **Ann Leckie**, **Nnedi Okorafor**, apenas para citar algumas das campeãs de vendas.

E aqui no Brasil contamos também com uma constelação de autoras fantásticas, pioneiras como **Emília Freitas**, **Adalzira Bittencourt**, **Dinah Silveira de Queiroz** e **Finísia Fideli**. E temos muitas autoras contemporâneas que fazem jus a esse legado fantástico, como por exemplo a **Ana Rüsche**, **Nikelen Witter**, **Carol Chiovatto**, **Jana Bianchi**, **Cristina Lasaitis**, **Ana Lúcia Merege**, **Simone Saueressig**, **Lady Sybylla**, **Lu Ain-Zaila**, **Romy Schinzare**, **Claudia Dugim**, **Ursulla Mackenzie**, **Lu Evans**... e por falar em Lu Evans, é justamente esta talentosa escritora que convidamos para celebrar as mulheres fantásticas em uma edição especial da Somnium. Assim, esta edição que tem em mãos foi totalmente capitaneada pela Lu, criando um novo marco histórico para o CLFC. Saudemos mais uma vez as “Nossas Protagonistas”!



## EXPEDIENTE

SOMNIUM 124 - Abril de 2024

**Editores:** Eduardo Torres, Gerson Lodi-Ribeiro, Luiz Felipe Vasques, Rubens Angelo; projeto gráfico: Sid Castro, diagramação: Rubens Angelo; **Colaboradores:** Dario Andrade, David Machado, Erick Rezende, Guilherme Xavier, João Gomes, Nana Calimeris, Sílvio César e Valter Cardoso. **Capa:** Rubens Angelo.

**CLFC Diretoria 2021/2023 - Chapa ARGONAUTAS - PRESIDENTE:** Luiz Felipe Vasques Fernandes Guedes; **SECRETÁRIO EXECUTIVO:** Sidemar Vicente de Castro; **TESOUREIRA:** Caroline Libar

# Edição 124: Apresentação

por Lu Evans

Essa é a minha primeira participação na revista Somnium, e eu não poderia ter iniciado de forma mais feliz, tendo o convite de Rubens Angelo para organizar uma edição especial composta de escritoras.

A Somnium já fez um trabalho assim antes, mais precisamente a edição N.º 51, maio/junho de 1991. Trinta e três anos depois, a revista mais uma vez celebra a produção da escrita especulativa por mulheres.

Enquanto Rubens e eu conversávamos sobre como poderia ser essa nova edição, me veio a ideia de trazer pelo menos uma autora de cada região do país, expressando, assim, a diversidade de gêneros, ideias, estilos e influências regionais, nacionais e estrangeiras de cada uma.

Começando pelo sul, temos **Nikelen Witter** e **Alessandra Dossena**. Do sudeste, **Sandra Menezes**, **Ana Lucia Merege** e **Finisia Fideli**; o centro oeste é representado por **Marcia Medeiros**; **Ellen Reys** é a contista do norte; e eu tenho a honra de representar o nordeste. Há também a quadrinista **Mia**, mas seu lugar de nascimento é um mistério a ser desvendado.

Sobre os contos...

A primeira ficção da revista e de ninguém menos que Finisia Fideli, que, aliás, participou daquela primeira edição especial de escritoras em 1991. Seu conto é “**Quando É Preciso Ser Homem**”, publicado originalmente na revista *Isaac Asimov Magazine* N.º 21, Editora Record, Rio de Janeiro, 1991. Nessa trama com elementos de ficção científica e absurdo, um homem acorda no meio da madrugada e descobre uma intrusa em sua casa, e o motivo da presença da misteriosa mulher é diferente de qualquer coisa que ele poderia imaginar.

Em seguida temos Ellen Reys com o conto pós-apocalíptico “**Farelo**”, mostrando uma personagem disposta a tudo para sobreviver no mundo que está desmoronando ao seu redor.

“**Autocumulos**” é o título do meu conto, publicado pela primeira vez no N.º 3 da revista *Literomancia*, 2020. A história é sobre uma turista que, ao visitar uma ilha, percebe estranhas formações de nuvens, mas ninguém ao seu redor parece enxergar o fenômeno.

A próxima história é “**O Giro de Adisa**”, de Sandra Menezes. Na África de séculos atrás, uma mulher perde tudo, menos sua fé nos orixás e a esperança de reconstruir sua vida e encontrar os entes queridos.

O último conto é “**Carla**”, de Marcia Medeiros. Com uma moldura sobrenatural, a trama gira em torno de uma moça que tem um grande interesse pela história local e uma misteriosa ligação com segredos do passado.

Temos também um artigo de Nikelen Witter sobre **Medusa** como figura representativa de narrativas de horror e medo produzidas por mulheres; uma **resenha** por Alessandra Dossena a respeito do tratamento dado pelo escritor André Carneiro às suas personagens femininas, uma **entrevista** com Ana Lucia Merege e **quadrinhos** assinados por Mia.

Por fim, eu gostaria de agradecer a Rubens Angelo, editor da Revista Somnium, e Luiz Felipe Vasques, presidente do CLFC, que me deram a oportunidade de contribuir com essa publicação. Que a Somnium continue inabalável no propósito de alavancar a literatura fantástica brasileira.

Lu Evans, Editora Convidada, abril de 2024.

# Especial Mulheres Fantásticas

# Índice

## INTRODUÇÃO

Algumas palavras sobre Finisia Fideli - Lu Evans ..... 6

## CONTO

Destaques FCB:

“Quando é preciso ser homem” - Finisia Fideli ..... 8

## CONTO

“Farelo” - Ellen Reys ..... 15

## ARTIGO

Medusa e o escudo de Perseu - Nikelen Witter ..... 21

**MONSTRUÁRIO** ..... 25

## CONTO

“Altocumulus” - Lu Evans ..... 26

## QUADRINHOS

“Reajunta” - Mia ..... 32

**FATOS EM FICÇÃO** ..... 35

## CONTO

“O Giro de Adisa” - Sandra Menezes ..... 37

## CONTO

“Carla” - Marcia Medeiros ..... 42

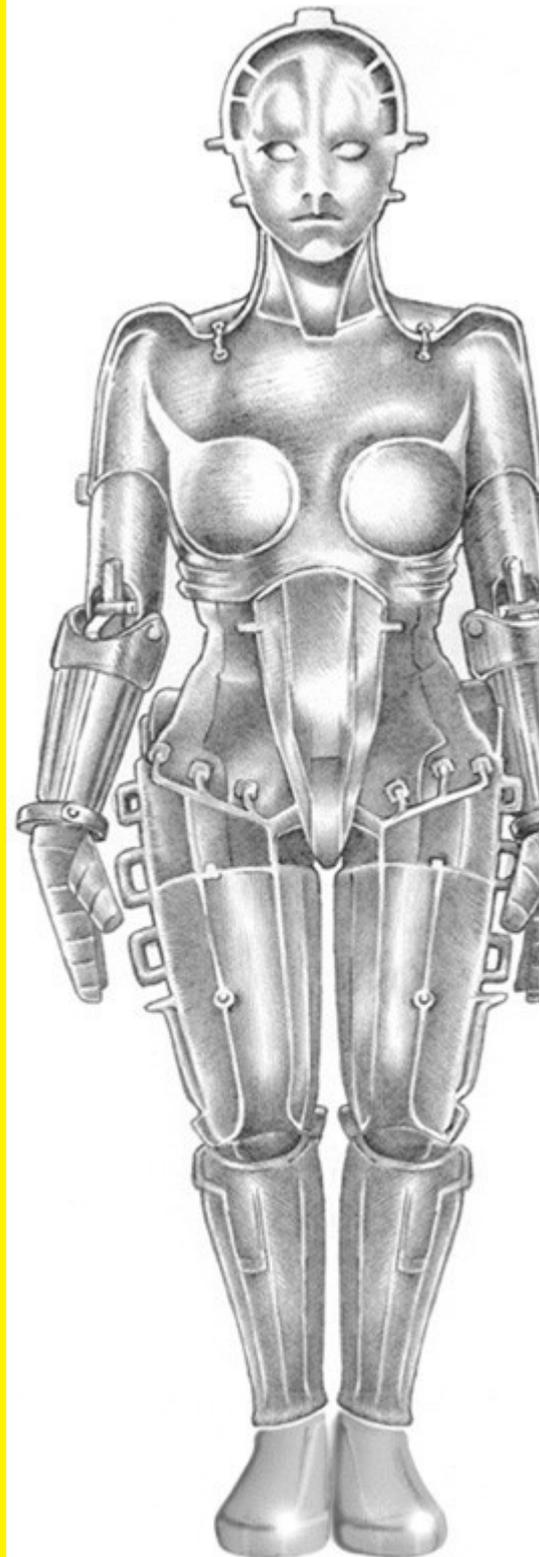
## RESENHA

O protagonismo feminino no conto “Túneis Calados”,  
de André Carneiro - Alessandra Dossena..... 50

**PRÊMIO ARGOS 2023** ..... 53

## ENTREVISTA

Ana Lúcia Meregé, vencedora do prêmio Argos 2023  
na categoria de melhor “Coletânea” e “Conto”..... 54



# Introdução

## Algumas palavras sobre Finisia Fideli

por Lu Evans

A escritora Finisia Fideli é formada em Medicina, com especialização em Homeopatia. Estreou na vida literária em 1983 com o conto “Exercícios de Silêncio”, um dos finalistas do Concurso Conto Paulista da Editora Escrita, e hoje considerado um clássico da ficção científica brasileira. Publicada também em Portugal e nos Estados Unidos, Finisia foi incluída nas prestigiosas antologias *Os melhores contos brasileiros de ficção científica* (Devir Brasil, 2008), *Páginas do futuro* (Casa da Palavra, 2011) e *Fractais tropicais: o melhor da ficção científica brasileira* (Editora SESI-SP, 2018).

Em meados da década de 1990, Finisia levantou, com artigos e participações em eventos, a questão da posição da mulher na ficção científica, como autora e personagem. Além disso, colaborou com as revistas *Isaac Asimov magazine*, *Dragão Brasil*, *Quark*, *Escrita*, *Cult* e *Ciência Hoje*, e também é uma poeta publicada.

Seu conto humorístico “Quando é preciso ser homem” apareceu em 1991 na edição 51 do *Somnium*, só com autoras, e na *Isaac Asimov magazine*; em 1993, foi incluído na histórica antologia *O Atlântico tem duas margens: antologia da novíssima ficção científica portuguesa e brasileira*, organizada por José Manuel Morais e publicada em Lisboa pela *Caminho Editorial*. Já a noveleta de ficção científica “O ovo do tempo” foi publicada pela primeira vez em 1994 na antologia *Dinossauria tropicália* (Edições GRD) e recentemente republicada na coleção *Ziguezague* da Plutão Livros.

Depois de anos sem publicar, Finisia, em coautoria com seu filho Roberto Fideli, escreveu “Nos braços da sombra”, um conto baseado em fatos reais, uma história estranha que aconteceu com ela quando trabalhava em um hospital. O conto foi publicado na newsletter *Faisca*, abril de 2022, que faz parte da revista *Mafagafo* e publica ficções relâmpago de fantasia e ficção científica.

*A mulher ilustrada*, o primeiro livro de contos de Finisia Fideli, deverá ser lançado oportunamente pela Editora Bandeirola.





*Ilustrações: Rubens Angelo*

# Destaques FCB

# Quando é preciso ser homem

de Finisia Fideli

**A**cordei de supetão, achando que estava atrasado, sabe como é. A gente não houve o despertador e fica pensando se ele não tocou e foi desligado ou atirado contra a parede como tantas vezes. E aí metade da manhã já era.

Não que isso tenha importância. Sou jornalista e trabalho num horário diferente do resto dos mortais. Chego na redação às três da tarde e saio às dez da noite, mas gosto de resolver tudo o que posso de manhã: fila de banco para pagar a conta de luz atrasada, buscar a filha na escola (ela mora com a mãe e não temos oportunidade de ficar muito juntos), visitas a alguma livraria, supermercado, essas coisas de homem solitário.

Mas, por maior que seja o empenho, jamais consigo fazer nada nas manhãs de segunda. Acho que é psicológico. A humanidade inteira odeia esse dia, por que eu seria diferente?

Vai daí, acordo na certeza de ser meio-dia e o papai aqui na maior folga. Mas o silêncio ao redor indica o contrário. Moro próximo do centro, em Vila Buarque, no coração boêmio de São Paulo. Digo pra todo mundo que é Higienópolis, mas é mentira. Aqui é a boca-do-lixo

*mesmo*. Um bairro singular: durante o dia, comércio, escolas, movimento. À noite, mais movimento, de um tipo diferente. Uns rapazes, digamos assim, delicados, gostam de usar os vestidos das irmãs, saltos altos, perucas, bocas pintadas, e assim por diante, e fazem a maior farra pelas redondezas.

Não, não digam que sou preconceituoso, a vida dos moçoilos pode ser bem dura: já cheguei a carregar um

todo giletado para o pronto-socorro da Santa Casa aqui pertinho. Mas existe um momento, logo ao amanhecer, onde impera o silêncio, numa ilha de tranquilidade que dura no máximo das cinco às sete.

E não é que acordei justamente nessa hora?

Agarro o despertador, acendo a luz do abajur ao lado da cama e não enxergo nada, é um borrão só. Contrariado, procuro os óculos de miopia senil (ainda mato aquele oculista) e constato surpresa: seis e meia da manhã. Seis e meia?! Mas se eu fui dormir às quatro, depois de deixar a Márcia em casa... E toda aquela cerveja não serviu pra nada? Cerveja me dá um sono danado — além do pipi, é claro.

Não tem jeito, estou totalmente desperto em





plena madrugada paulistana. O silêncio é total. O que teria me acordado? Vontade de mijar não foi, providenciei isso antes de desabar na cama. Não tenho nem frio, nem fome, o telefone não tocou, tudo é paz. Então, por que estou ficando tão angustiado, apreensivo, taquicárdico, preocupado mesmo?

Sou um homem racional. Preciso ser, afinal, assino uma coluna de economia no jornal, e se não souber controlar minhas emoções, posso ter um ataque cardíaco por semana — ou a cada novidade do governo. Mas sei também que existe um sentimento ancestral que governa a sobrevivência da espécie desde que o mundo é mundo. Ele, o que ronda os porões: o medo, meu irmão, medo brabo que chega em golfadas, me inundando, azedando o estômago e enrolando as tripas em artísticos nós de puro pânico.

Como ser pragmático que sou, respiro fundo, controlo o descompasso do coração e procuro pensar. Constato que acordei porque tem alguém na minha casa. E eu que pensei que depois da separação só o advogado da minha mulher tinha o direito de me assaltar.

Um ladrão madrugador, que coisa linda. Acho que pensa que assim ainda dá tempo de bater o ponto na

repartição. Minha ironia habitual traz de volta a calma, e o cérebro volta a funcionar, bolando uma via de escape. Não há. Minha casa é um quarto-e-sala nos fundos de outra casa maior, que eu alugo por uma mixaria. Só existe uma passagem lateral até a rua. Atrás, o muro de um prédio antigo; na frente, a casa do senhorio. Não há saída, tenho que pensar em outra coisa. As opções são as seguintes: ou eu enfrento o bandido que está na sala à espreita, ou finjo que não sei de nada e volto a dormir.

E se eu pegasse o telefone e chamasse a polícia? Não ia dar tempo, o celerado me alcançaria em três passos e eu levaria chumbo. Continuo pensando. Meu Deus, como faz calor nesta terra. O suor escorre aos borbotões, empapando o lençol.

Pulo da cama, lembrei que existe um taco de beisebol dentro do armário. Não me perguntem o que um taco de beisebol está fazendo ali; nem é meu, mas de um fotógrafo japonês que joga esse troço muito bem e pediu que eu o guardasse para ele, senão os filhos eram capazes de rachar os crânios uns dos outros. Rachar crânios, que ideia sedutora... o baque surdo, o suave ruído de osso partido, os olhos saltando fora das órbitas, o sangue começando a escorrer, e a massa

encefálica do gajo pulando pela fenda recém-aberta. Acho que vou vomitar. Devia ser escritor, vai ter imaginação mórbida assim nos quintos dos infernos.

Sem fazer ruído, abro a porta do armário e procuro o bendito taco lá dentro. Em meio à confusão de calças, blusas, meias desparelhadas, livros, caixas, sandálias, uma calcinha preta com rendinhas (de quem será?), minha mão agarra a lisa firmeza da madeira finamente entalhada. Balanço a arma na mão, ela é dura e parece rija. Centenas de ancestrais peludos começam a pular nas cavernas, babando.

Conto até dez, e outra ideia brilhante me ocorre: começo a fazer barulho pelo quarto, empurrando coisas, tossindo. Talvez o cara desista e vá embora. Agora, fico quieto e espero. Nada. Os minutos passam, começo a tremer. Não adianta, há momentos em que é preciso ser homem.

Na fraca luminosidade do quarto, dou com meu reflexo no espelho da penteadeira em frente à cama. Bela figura eu sou: um homem baixinho, de meia-idade, com pouco cabelo, óculos, peito nu, descalço e cueca samba-canção branca com bolinhas vermelhas, segurando um taco de beisebol.

Pé ante pé, venço a curta distância que separa o

quarto da sala. O sol já penetra pela janela da frente, clareando tudo. Não vai ser fácil, minha única vantagem é o elemento surpresa. Ergo o taco acima da cabeça, ensaio um grito de samurai e salto no meio da sala.

O taco escorrega da mão e cai com um ruído seco. O queixo também cai, tento me refazer logo.

*Ela* está ali.

Passado o choque inicial e afastada a ameaça de morte iminente, observo minha visitante. Começo pelos pés, calçados em sapatos pretos, equilibrados sobre agulhas finíssimas de no mínimo dez centímetros, e sigo pelas pernas, longas e envolvidas em meias pretas, até a barra da saia curtinha da mesma cor. Me detenho um pouco na curva generosa do quadril, depois na cintura, subindo pelo busto não menos generoso, a pele alva descoberta num decote, digamos, democrático, o pescoço delicado, o rosto de menina, a boca carnuda, os olhos claros, os cabelos loiros, compridos e sedosos.

Putá vida, que avião!

Ela sorri.

— Bom dia, Carlos, desculpe acordá-lo tão cedo — diz com voz de veludo.



Conhece o meu nome e pronuncia-o tão gostoso, sibilando o “s” no final.

— Quem é você, o que quer de mim? — balbucio uma pergunta cretina.

— Preciso de você — explica ela em tom urgente.

Sou capaz de jogar-me aos pés dela se ela pedir, mas fico firme. Afinal, sou um homem maduro, vivido e capaz de dominar qualquer situação. Algures, tataravós peludos depõem as armas, babando.

— De que você precisa? — insisto. — Quem é você?

— Ah, Carlos. — Ela se movimenta suavemente, flutuando em minha direção. — Meus amigos precisavam de um contato em seu mundo. Alguém que saiba usar as palavras. Alguém... convincente.

— Meu mundo? Que negócio é esse de meu mundo? Por acaso não é o mesmo que o seu? — argumento, a voz um pouco mais aguda do que eu gostaria.

— Meu mundo fica num lugar distante — explica, sibilando —, noutro sistema estelar, compreende? Queremos fazer contato com vocês, mas precisamos de alguém que fale por nós, que nos... apresente.

Eu a observo com atenção. Tão bonitinha e completamente pirada.

— Desculpe, boneca, mas é muito cedo para piadinhas alienígenas, falei? Eu vou voltar para cama. Faça o favor de fechar a porta quando sair.

A garota me fita com desagrado, e ergue a mão. Um branco dedo indicador, terminado numa fina lâmina pontiaguda pintada de vermelho, aponta bem no meio dos meus olhos. E eu imediatamente desabo.

Em meio ao torpor e à sensação pouco agradável de ser feito de gelatina, recuso-me a acreditar ser ela a responsável pela minha ridícula situação. Tento me levantar, as pernas não obedecem, duras como troncos de árvores.

Ela se aproxima. Fico esparramado, tateando loucamente à procura do maldito taco de beisebol. Sou seguro pelo pulso e erguido com uma só mão. Por alguns humilhantes segundos, minhas pernas balançam no ar. Depois, sou atirado sobre o sofá, um boneco descoordenado. Não tenho força para nada, mal consigo respirar.

— Nós precisamos de sua ajuda — reafirma ela, com expressão tranquila. — Será vantajoso para você.

— Quem são *nós*? — pergunto, esganiçado. — Quem é *você*? Por que eu?

Agora, o semblante dela denota impaciência. Ela respira fundo e se apoia sobre a mesa de jantar.

— Meus amigos e eu precisamos de alguém de seu

mundo que fale por nós — repete com voz monótona. Seria um robô?

— Já sei — afirmo, triunfante. — Você é um robô, um androide, uma projeção. Pensando melhor, você não existe. É um pesadelo. Eu ainda estou dormindo, envolto numa nuvem etílica. Com licença, eu quero acordar. — Dizendo isso, levanto rapidamente do sofá... e desabo em seguida.

— Minha aparência física foi extraída de seu subconsciente, enquanto dormia. Garanto que sou um ser biológico, embora diferente de sua espécie. Meus amigos e eu consideramos que este corpo seria muito mais aceitável para um primeiro contato com um humano.

Reajo profundamente ofendido:

— Meu subconsciente? Vocês invadiram meu subconsciente? Pois fique sabendo, minha pneumática amiga, que gosto de mulheres magras, frágeis e intelectuais. Nada de unhas vermelhas e meias pretas, sacou?

— Nada sei sobre fêmeas esqueléticas. Esta imagem reflete seus desejos mais ocultos — afirma com ultrajante segurança. — E é isso que temos a oferecer. A realização dos desejos da humanidade. Todos eles — completa, passando a língua pelos lábios.

Estou batido. Nada posso fazer contra isso. Sonhos ocultos, assaltos à mente das pessoas, realização de todos os desejos... É a melhor jogada de *marketing* que já vi. O que estarão vendendo, realmente, e qual o preço que teremos de pagar é o que me apavora.

— Não, não, não, mil vezes não — urro em desafio.

Ela nem se abala. Ergue novamente o dedo a aponta para o coitado aqui, que tenta inutilmente se encolher.

No momento seguinte, o mundo inteiro se transforma. Já não estou na sala miserável de minha casa em Vila Buarque, mas no convés de um navio. Posso sentir a água salgada respingando em meu rosto. Mais um segundo e lá vou eu, na cabine de um jatinho particular. Parece um seletor girando na minha cabeça, me levando para lugares os mais estranhos e exóticos, que sempre quis conhecer, mas considerava impossível. Compreendo, por fim, o que significa a chance de ter todos os sonhos realizados. Só não sei a troca de quê. Diante deste pensamento, sou levado de volta à mediocridade da minha casa.

A mulher está inclinada sobre mim, me olhando nos olhos.

— Temos tanto a oferecer e pedimos tão pouco — murmura, fazendo beicinho.

Fecho os olhos, mas parece que ela é capaz de se



fazer enxergar até de olhos cerrados, como se fosse gravada em fogo em meus neurônios.

— Se têm tanto poder, pra que precisam de mim? Tomem à força! — exclamo.

Ela se afasta e se senta numa cadeira, cruzando as pernas lentamente. A saia sobe tanto, que eu prefiro desviar o olhar.

— Meu povo se alimenta de sonhos — explica — e os usa para estudar raças estranhas. Por isso viajamos pelo espaço à procura de seres que tenham a capacidade de sonhar. Existe um manancial enorme de conhecimento oculto nos desejos das criaturas. Captamos as ondas mentais do seu planeta e ficamos surpresos: como vocês são ferozes e primitivos em seus anseios, quanta imaginação e energia desperdiçada em imagens que nunca se realizam. Nós podemos amplificar essas visões ao ponto de parecerem mais nítidas que a realidade. Mas elas têm de ser entregues a nós. Se tomadas à força, como você diz, causam danos ao emissor, e perdemos nossa fonte de sonhos.

— É por isso que me sinto tão fraco? — perguntei, preocupadíssimo.

— Não se assuste, o efeito passa logo, só forcei um pouquinho. Vai ajudar?

— Por que eu?

— Você é um humano médio, tem uma inteligência razoável e sonhos imaginativos. Enfim, é uma pessoa comum. Se pudermos usar você, saberemos como conquistar os outros.

— O que acontece depois? Quando se cansarem, quero dizer, e procurarem sonhos em outros mundos?

Ela estranhou aquela pergunta. Nunca pensara nisso, logo vi. Mas eu, sim. A humanidade estaria acostumada a obter tudo o que desejasse através dos sonhos, e desaprenderia a viver de verdade. Quando nos abandonassem, o planeta estaria seco e murcho como uma uva-passa. Milhões de pessoas viciadas em imagens, incapazes de criar algo construtivo, condenadas a perecer. Além disso, aquele papo de humano médio, inteligência *razoável* e coisa e tal mexeu com meus brios. Humano médio? Pois ela ia ver só.

— Muito bem, vamos fazer um teste — propus, com cara de santo. — Me ponha inteiro de novo, que eu vou lhe dar um sonho daqueles.

Ela ficou animada, apontou o dedo e logo uma onda de bem-estar me envolveu.

Senti as forças voltando. Fiquei de pé, e estava ótimo.

— Muito bem, primeiro eu queria ver seus amigos e o transporte que usam.

Ela concordou com um aceno de cabeça, e logo me vi diante de uma cratera imensa, numa região desértica, dentro da qual a mais incrível nave espacial estava pousada. Era do tamanho do Estádio do Pacaembu, feita de metal fosco, azulado, liso e polido. Do lado de fora pude vislumbrar algumas criaturas humanoides, de corpo afilado e cabeça triangular. Eram *eles*. Então, comecei a sonhar.

Imaginei um exército de milhares de super-heróis valentes e indestrutíveis, marchando bravamente em direção à nave alienígena, dispostos a defender a Terra dos invasores ladrões de sonhos.

Estavam todos lá, saídos de minha infância: Super-Homem, Hulk, Mandrake, Fantasma, Homem-de-Ferro, Príncipe Submarino, Flash Gordon, Mulher Maravilha, Batman, Thor, Buck Rogers, Homem-Aranha, e tantos outros defensores da ordem e da liberdade. Não esqueci nem do Mickey, nem da forçada Mônica e seu coelho. Pareciam decididos, marchando para cumprir a mais nobre de todas as missões: salvar a humanidade de um destino humilhante.

As criaturas, a princípio, observaram com interesse aquele estranho desfile. Mas logo perceberam que iam virar picadinho se não fugissem bem rápido de volta ao espaço gelado que era o lugar deles, sanguessugas de almas.

E com uma notícia bem clara: os nativos eram hostis.

Muito ao longe, ouvi um uivo gutural no fundo de minha mente. Traduzia surpresa e decepção. Era a loira peituda se despedindo.

Humano médio? Pois sim, ninguém pode contra um homem que decide mostrar o que tem de bom!

Despertei (se é esse o termo mais adequado) caído no meio da sala, na aconchegante familiaridade do meu lar. Ao meu lado, o taco de beisebol, símbolo de uma luta vencida no mais estranho campo de batalha.

Dentro de mim, a cálida sensação que envolve os guerreiros triunfantes. Achei que um banho seria apropriado. Assoviei o tempo todo, enquanto o chuveiro quente lavava os últimos resquícios daquela aventura fabulosa.

Vesti meus jeans surrados, uma camiseta com os dizeres não tenho nada com isso, eu votei em branco, e saí para o burburinho da cidade grande.

“Que belo dia, luminoso e ensolarado!”, pensei. Respiro fundo, sentindo o odor inconfundível de fumaça e poeira, disfarço

um rápido acesso de tosse e sigo em frente.

Ainda há tempo para uma média com pão e manteiga no bar da esquina.

Fico olhando para as pessoas que passam por mim, ocupadas, pensando em suas vidinhas comuns. Nem sabem que o papai aqui salvou-as todas e aos seus sonhos. Coisinhas simples, mas preciosas: ganhar na loteria, uma viagem, casamento, uma nova máquina de lavar, ser bonita, comprar um carro.

Sou modesto, acredito que qualquer um teria feito o mesmo.

Estufo o peito e considero que este, afinal, é o melhor lugar para se viver.

E ainda não são nem dez horas da manhã.





# Especial Mulheres Fantásticas

# Farelo

de Ellen Reys

30/06/2079

Belém Cabana,  
Confederação Brasil  
Cabano, antiga  
Belém do Pará.

16h40

**E**i, ei, ô meu, ô do colete militar! Aqui, na casa da esquina, a do muro verde, não desce essa ladeira não. Vem aqui. Mano, é perigoso andar sozinho por aí, mesmo armado. Tu estás sozinho, certo? Não estás com ninguém escondido te dando cobertura? Coragem, tem perigo onde a gente menos espera. Vem, entra.

\*\*\*

Cara, tu não vais acreditar! Essa já é a quinta casa que entro hoje e não encontro nenhuma comida que preste. Bicho, bairro pobre é cruel, se as pessoas já se alimentavam mal antes disso tudo acontecer, agora mesmo que não se acha nada além de enlatados velhos. Se a gente tiver sorte!

Nunca tinha te visto antes por aqui, se tu não sabes, as casas da periferia são mais fáceis de invadir que as do centro, lá teve menos destruição, pessoal rico, sabe como é, daí é bem mais difícil de entrar nas residências, a concorrência é maior e muito mais fe-



roz, mas também, é lá que tem suprimentos, dá para entender. Aqui na periferia as gangues já estão acostumadas a fugir se a polícia da Confederação aparecer, elas se adaptaram mais facilmente ao caos, e as pessoas normais, como eu e você, só têm um objetivo: viver, e um grande problema, conseguir sobreviver. Peraí, tá ouvindo? Esse barulho na rua? Fica aí quieto que vou ver o que é.

\*\*\*

Tô olhando aqui pela janela, é um homem, mas ele parece doidão, ou é louco ou tá cheio de drogas. Mano, a humanidade quase é exterminada, mas as drogas não, elas ainda existem e cada vez mais fortes. Olha só, ele tá correndo, gritando que é o fim do mundo. Dá para gente rir né? É uma ironia, afinal de contas o Apocalipse já começou faz tempo. O fim do mundo como a gente conhecia não foi tanta surpresa assim para quem era bem informado. Meu pai sempre repetia pra gente que além das grandes pandemias que começaram ali por volta de 2072, não lembro direito, tinham outras cagadas acontecendo no mundo também, pouco antes da Confederação Global.



Tu sacas que no meio dessa pandemia global, no final de 2074, um míssil lançado no estreito de Gibraltar, que detonou o sul da Espanha, foi o marco zero dos bombardeios que iniciaram a grande guerra global? Aí, com os países tomando partidos opostos, fechando fronteiras, o vírus reapareceu e foi se modificando mais rápido do que os cientistas da época podiam acompanhar. Só podia dar no que deu. Fogo cruzado para tudo que é lado e em pouco tempo, bombas sendo lançadas em todos os continentes. Um caos total, só não aconteceu a Terceira Guerra Mundial, uma guerra nuclear, porque aquelas mulheres tomaram o poder e começaram a mandar em tudo. Não que isso tivesse sido realmente bom, senão a gente não tava nessa situação. Olha, aguenta aí que vou olhar o movimento, não faz barulho, já volto.

\*\*\*

De onde tu és mesmo? Tu és cabano daqui mesmo ou pelo menos da Confederação Cabana? Tô te

achando estranho maninho, tu és bem caladão, mas ouve aí, tô sem conversar há um tempo, deixa eu te contar a minha teoria.

Em 2073 o Brasil, que era a Confederação antes, já estava em guerra civil, quando a situação no restante do mundo começou a ficar feia de verdade. Ninguém me convence que os terroristas que tentavam dar um golpe de estado naquela época, não rondavam há anos, escondidos entre as pessoas normais só esperando uma oportunidade de mostrar a cara e tomar o poder, mas, enfim, enquanto quebravam o pau, o vírus se modificava e ficava mais forte a cada mutação genética. Povo burro demais, desde sempre não enxergaram a maior ameaça, mesmo depois do sumiço do líder deles!

Tu lembra que as vacinas foram avançando também, certo? O problema foram as guerras que aumentaram, e no ápice do bombardeio entre superpotências, tcharã... Veio o vírus novo! Feito em laboratório na medida para ser eficiente, e como foi!

Dizem que era para ser uma cura e evitar mais mor-



tes, já que metade da população mundial tinha sido dizimada nos dois últimos meses de 2074 e a situação era muito preocupante, só que o negócio não saiu como eles pensavam e começou uma nova pandemia, mais agressiva ainda, e com resultados que... Bem, a salvação foi as cinco presidentes da Confederação Global, elas surgiram “do nada”, dominaram o mundo e pararam o avanço do vírus, ninguém sabe como. Rolou uma conversa que elas vieram do futuro, que eram deusas. Acho que só eram muito espertas e ricas, muito mais que bilionárias.

Depois que elas dominaram tudo, começaram uma campanha mundial de incitação ao ódio e ao caos, já que os infectados não morriam mais, viravam uma espécie de zumbi, um ser cadavérico com cérebro que não serve para nada e que se alimenta de carne humana, não sente dor, sede, nada. Não como aqueles dos filmes antigos, não, colega. Esses só têm fome, são idiotas na mesma medida que são violentos e ficam vagando dia e noite nas ruas, nem falar mais eles falam, não articulam pensamentos coerentes, mas gritam que é um pesadelo para qualquer ouvido são. Salvadoras da humanidade! Humph! E tem gente que acredita até hoje nisso!

Bicho, tinha um grupo, isso lembro bem, Esperanza, o nome, eles descobriram tudo sobre elas, e não

era coisa boa não, começaram a espalhar a notícia e aí... BUM! Foram morrendo um a um sem contar como evitar que as soberanas espalhassem mais destruição. A máscara delas nem chegou a cair, só que era tarde demais, continuaram a ditadura de terror e ninguém nunca descobriu o que não deu certo. Até hoje, ameaçam acabar com toda a humanidade com o discurso de que elas são a salvação do planeta, e tem menos de um quinto da população! Nem sei dizer como nós ainda estamos aqui, vivos! É difícil até andar entre os destroços. Os grupos da área que se reuniram para formar a nova Cidade Cabana e tentaram isolar os infectados acabaram causando mais destruição. Tu já viste, essas criaturas estão por todos os lados, cinco anos depois da primeira onda de infectados em 2079, eles são a maioria e atualmente somos os que restaram, somos as presas nessa merda de mundo pós-apocalíptico distópico.

Tô divagando, eu sei, é melhor a gente esperar mais um pouco, sair com movimento na rua não é uma boa estratégia. Deixa eu pegar algo para molhar a garganta enquanto a gente espera.

\*\*\*

Olha só, o louco já tá quase no fim da rua, se ele



seguir assim não vai longe. E por falar em ir, vou pegar minha mochila e me preparar para sair daqui. Tenho que achar um lugar seguro para passar a noite; não vai dar tempo para voltar para o buraco que uso como casa, e aí não tenho chance, os infectados ficam mais espertos e agressivos depois que o sol se põe, as gangues atiram em qualquer um para não se arriscarem, é um mundo do cão, cara. O apocalipse veio, e o inferno é aqui. É assim que as coisas são agora. Para quem achava que era ruim ser mulher no milênio passado é porque não chegou até aqui. Só que mulher é bicho esperto, se adapta às adversidades e se torna parte do todo. Aqui é: ou muda, ou morre. Lei do cão.

Tu vais ficar aqui? Faz tempo que eu não falava com ninguém, e afinal como foi que tu vieste parar aqui? Eu morava longe daqui, sabe? Só que aí... Pera aí, pera aí, tô ouvindo gritos.

Fica aí.



\*\*\*

Acho que era um bando de mercenários, como fecharam as entradas da cidade, não tem muitos infectados. Até passam alguns, mas também não tem nenhuma segurança, as “associações” mandam em tudo. Antes eles eram traficantes, milicianos, agora se autointitulam de APS - Associação de Proteção aos Sobreviventes. Um nome novo para a velha prática. Acho até que eles soltam os zumbis vez ou outra para aterrorizar as pessoas e colocar todo mundo na linha.

Ouvi dizer que eles mantêm mulheres jovens apri-

sionadas. Depois que começaram a tentar se organizar em algum tipo de governo, que acho que não vai dar certo, eles mantêm as mulheres lá para terem como procriar. Alimentam e tudo, para gerar crianças saudáveis, tipo como faziam em um filme velha guarda, não lembro mais o nome, cara, era quase um prenúncio dessa bosta de mundo que sobrou agora, mas sabe a ironia? Não tem como nascer filhote saudável, bicho, o corpo pode ser bom, mas a cabeça, já nasce com problema.

Só que vão precisar de crianças né? Para continuar a ter humanos se realmente conseguirmos sair desse fim dos tempos em que vivemos. Não dá para saber direito porque a gente não tem mais comu-

nicação como havia antes da cidade ser sitiada, se todo o mundo tá assim ou só uma parte, não dá mesmo para saber. Já não me importo, só quero saber de continuar viva e longe daquela colônia de escravidão da associação.

O que tu esperas? Me conta aí, tu não és de conversa né?

Eu tinha esperança até pouco tempo de achar algum conhecido vivo, mas agora não tenho mais. Comida e água potável são raras, comer roedores e bichos de rua também não é fácil. Deixa eu te confessar uma coisa, mas tem que ficar só entre nós. Presta atenção. Até um ano atrás, o meu irmão estava comigo, nossos pais e o meu noivo haviam sido mortos em um ataque, os nossos suprimentos só davam para uma pessoa e os infectados ainda vagueavam pelas ruas sem controle, aí tive que fazer uma escolha, né? Não foi uma escolha difícil não, antes ele do que eu. Ele me subestimou por eu ser mulher e levou o farelo.



Tu sabes, a pandemia global veio, depois a outra contaminação, as guerras, as bombas, a destruição e tudo mudou. Menos as pessoas, essas continuaram iguais. Cada uma só pensa em si. Não estão nem aí para os demais. Pessoas continuam sendo usadas, às vezes servindo até de comida para outras. Aqui entre nós, se tu souberes procurar, não é tão difícil assim de achar comida. O problema é chegar onde tem. É verdade que se perdeu muita parte dos recursos naturais do planeta, mas sabe, o fato de Belém ficar localizada entre rios e ser mais afastada dos grandes centros foi uma boa coisa.

As pessoas, cara, se não fossem as pessoas, as coisas não tinham chegado onde estamos agora, foram elas que fizeram tudo começar a ruir. Os mais gananciosos, e que tinham mais, perceberam que se fizessem alguma coisa rápido, não iam ser destruídos e conseguiram se proteger melhor. Dobraram a cabeça para as Soberanas e ficaram com praticamente quase tudo que restava, e aos outros sobrou o quê? A quem não morreu só restou roubar e matar, né? Porque quem tem menos recursos, tem menos comida, aí não revida. Quanto menos pessoas tiverem para dividir o quase nada, melhor.

É cara, é difícil manter a sanidade. Tenho que te dizer que não sei como consigo. Consegui vários remédios controlados em uma farmácia, todos bem escondidos, não uso drogas, são os remédios que me mantêm sã. Tive que aprender a atirar na marra, diri-

gir, que era algo que eu não gostava de fazer, embora agora combustível seja algo que não se veja mais. E assim vou indo, sem destino.

Olha, essa conversa foi boa para mim, para ti não sei. Espera mais um pouco aí que vou olhar a rua novamente.

\*\*\*

**17h45**

Amigo, não tem mais sinal nenhum nem do louco nem da gangue, ou de infectado, tá na hora de pegar o beco. Preciso mesmo encontrar algum lugar para passar a noite, aqui não vai dar, não. Se eu ficar aqui, é capaz de levar o farelo, sabe? E não tô a fim de morrer, ainda não. Tenho uma missão, saca? Antes do bloqueio total, uma prima minha que morava na Nova Europa conseguiu voltar pra cá e me deu uma mochila, essa aqui que tá nas minhas costas, tem umas coisas importantes aqui, sabe?

Vou te contar porque gostei de ti. Tem um pacote aqui dentro que tenho que entregar pra uma mulher chamada Mae, ela tem um grupo de dissidentes que fica mudando de lugar pra não ser pego pela polícia da Confederação. As associações todas respeitam ela, e sendo bem sincera contigo, tem coisa aí, porque se elas quisessem, já tinham dado fim nela. Mas é isso, a Talita, minha prima, ia entregar, mas foi pega por um

infectado e puf! Levou o farelo também. Não sei por que continuo nessa missão, a prima disse que tem um modo de parar essas cinco demônias, e que esse modo tá no pacote, mas só essa Mae vai saber ler o que tá escrito nele. Tentei ler, mas não entendi nada, não sei nem que língua é a que usaram, só sei que algo me puxa na direção dessa mulher. Até já ouvi a voz dela na minha cabeça algumas vezes me dizendo pra onde ir ou quando aguardar e como até agora essas dicas deram certo, eu que não vou arriscar.

Foi muito boa a tua companhia até aqui, mas vou ter que ir. Tenho essa missão, e depois que entregar o pacote, pretendo chegar na base dos Cabanos, e quando chegar lá, vou matar todo mundo, minha mochila também tá cheia de explosivos. Já está no final do mundo mesmo. Por que eles merecem viver? Tô pensando aqui que talvez eu morra, é quase certo que sim, mas se isso acontecer também não faz diferença, todos os meus conhecidos morreram, doentes, baleados, assassinados por alguém ou por mim, não tem mais ninguém nem com quem conversar. É isso, cara, tô indo, valeu pelo colete militar e pelas armas. Me deseja sorte aí, vou precisar. Algo me diz que depois que encontrar com essa Mae, vai ser só ladeira abaixo.

Ah, e desculpa aí qualquer coisa, sabe como é, era tu ou eu. Não foi por mal, isso acontece todo dia nesse mundo triste de agora, tem sempre alguém se dando muito mal. Valeu mesmo pela conversa, mas um dos dois ia levar o farelo, então decidi te matar assim que te vi dobrar a esquina. Fui.



**Ellen Reys** é de Belém, Pará. Autora dos livros **Deusas da Morte**, **Escrito com Sangue** e **Outras Histórias**, **Altar-Mor** e **O poço**, teve um par de dezenas de contos selecionados em antologias.

É autora convidada da antologia **Manchas**, publicada pela Editora **Delirium**; organizou a antologia **O Sabá das Bruxas**, publicada pela **Peculiar Editora**; além de ter publicados mais de vinte contos, de forma independente, na **Amazon**, alguns deles com a chancela do selo **Boteco Editorial**, do qual é cofundadora e faz parte como autora.



# Especial Mulheres Fantásticas

## Medusa e o escudo de Perseu

Artigo de Nikelen Witter

Qualquer uma das inúmeras mitologias existentes, das antigas às modernas, pode nos fornecer um infinito número de imagens e categorias capazes de ilustrar ideias, conceitos ou mesmo interpretações acerca da mente e da sociedade humanas. A mitologia grega, como se sabe, é aquela com a qual temos maior familiaridade. Um pouco em função da estrutura escolar brasileira e sua base ocidental e colonialista e outro tanto por conta da própria estrutura narrativa dos mitos e lendas gregos, como já demonstrou o mitólogo Joseph Campbell (1904-1987). Confesso que tenho uma longa lista de histórias favoritas neste conjunto mitológico específico, mas costumo destacar uma delas quando quero refletir sobre a natureza do Medo e o lugar da literatura no seu enfrentamento.

Falo aqui, como o título indica, da Medusa, de Perseu e de seu escudo.

Obviamente, qualquer tipo de leitura ou interpretação de uma história mitológica é, por natureza, limitadora. Todo o recorte o é, afinal é impossível abarcar a totalidade. A

Medusa é, inclusive, uma figura bastante lembrada e utilizada em interpretações mitológicas e como figura de impacto em obras de arte. Sigmund Freud (1856-1939) e Jacques Lacan (1906-1981) já se debruçaram sobre o tema, tendo especial foco na cabeça decapitada da Medusa. Atualmente, as releituras acerca da transformação da mulher em monstro por parte da Teoria crítica Feminista fizeram Medusa ressurgir como um ícone das violências, injustiças e silenciamentos sofridos pelas mulheres.

Nesse curto ensaio, não irei retomar às visões masculinas da mulher monstruosa, fállica ou símbolo de castração. Afinal, toda mulher que causa medo aos homens tende a ser representada como monstruosa e castradora, uma usurpadora do poder e não alguém que o tem por direito próprio. Porém, esses não são os elementos que aqui me interessam debater. Meu desejo é refletir sobre 3 pontos a partir dos quais eu gosto de interpretar o mito da Medusa: 1. o pavor em sua versão mais crua, 2. o seu enfrentamento e o 3. lugar das mulheres como escritoras de narrativas de horror e medo.



*Medusa Murtola, pintura de Caravaggio, 1595*



*“Perseu com a cabeça de Medusa”, escultura de Benvenuto Cellini, em Florença.*

Imagino que boa parte das pessoas que estão lendo este ensaio tenha em mente, mesmo que de forma vaga, a saga do herói Perseu. Filho de Zeus e da princesa mortal, Danae, Perseu precisa provar, em uma série de aventuras, seu lugar entre os heróis e semideuses. Seu desafio mais mortal é, de longe, enfrentar a Medusa, transformando-a na sequência em uma arma e, mais tarde, na égide de seu escudo, como também no frontispício da armadura da deusa Atena. Tal fato levou a cabeça da Medusa a ser interpretada, ainda na antiguidade, como um amuleto capaz de afastar o Mal, passando a figurar em portas, portões e tetos como uma forma guardiã.

Pode parecer estranho não me deter nos detalhes do mito, mas a verdade é que apenas as impressões sobre ele são suficientes para utilizarmos suas imagens como ponto de reflexão. De fato, é sobre essas imagens vagas que nossa psique se fundamenta. Isso porque as narrativas do mito que chegaram até nós são múltiplas e variáveis. Os mitos (assim como os contos de fadas) são narrativas plásticas, que se prestam às flexões no tempo e no espaço, bem como às

intenções de quem conta e às necessidades de quem ouve. Ou seja, não há uma versão mais verdadeira do que outra e nem uma narrativa que sobrepuja outras, por ser mais completa ou mais antiga. Tais histórias se compõem essencialmente de imagens e, ao serem projetadas sobre contadores e escutadores de histórias, são vertidas em narrativas. Se parece complicado de entender, pense em seus sonhos. O fato é que eles não são narrativas ordenadas até que você os conte a alguém, antes disso, residem em sua mente como imagens desconexas, algumas mais fortes, outras mais fracas, enquanto seu cérebro se esforça para lhes dar significado.

Tendo essas ideias como ponto de partida, começo me detendo justamente na imagem física da Medusa, considerando a forma monstruosa feminina em primeiro lugar. Medusa é uma górgona — e uma figura tríplice que se desdobra em duas irmãs menos conhecidas. Em algumas narrativas, todas têm corpo de cobra e tronco feminino, mas apenas a Medusa tem os famosos cabelos de serpente. Só ela tem um poder mortal. E somente ela pode ser morta.

Por esse motivo, mitólogos como a linguista e teórica feminista Jane Ellen Hamilton (1850-1928) — uma das precursoras na análise do mito da Medusa — consideram que a triplicidade, no caso das górgonas, era própria de uma tendência em se perceber as deusas sob 3 aspectos (como as *Horas*, as *Graças* ou as *Parcas*). Há versões mais antigas do formato das górgonas — que em boa parte dos registros já nascem monstruosas — classificando-as como Hipocampos (criaturas com a parte da frente do corpo equina e a traseira como de uma serpente). As górgonas, no entanto, teriam cabeça humana, mais precisamente a cabeça de mulher.

Esses monstros se assemelhavam, na imaginação ancestral, às Sereias (metade pássaro com peitos e cabeça de mulher — a versão metade peixe é bem mais recente) e à Esfinge, outro monstro com cabeça feminina. Sendo as górgonas filhas de divindades marinhas, possuem, na versão hipocampo, marcas da fusão de antigas divindades equinas com entidades marinhas. Para os estudiosos, essa fusão seria resquício de invasões de povos do norte do continente e sua mescla com os povos pescadores do Mediterrâneo. Aliás, tal fusão também é presente no próprio deus dos mares da Grécia Antiga, Poseidon, o qual guiava uma carruagem puxada por hipocampos (com cabeça equina) que galopavam sobre as ondas.

Em outras versões (as mais recentes), a forma monstruosa da Medusa é fruto de um castigo, o que também ocorre com outros dois monstros femininos famosos: Cila e Caríbdis. Aqui, novamente, encontramos diferentes versões. A mais conhecida é a de Medusa sendo violentada por Poseidon (uma ação bem recorrente, em se tratando do deus dos mares) no templo de Atena, onde a bela mulher serve como sacerdotisa. Furiosa com a profanação, a deusa acaba por punir a vítima, convertendo sua beleza atrativa em um horror tão grande e poderoso que petrifica quem a olhe de frente. Sendo sincera, cada detalhe dessa história pode render muito em termos de interpretação e até mesmo de especulação sobre o porquê de ela ter assumido esse formato específico. Contudo, vale registrar que há versões em que a Medusa atíça os ciúmes de Atena ao se considerar mais bela que a deusa, por conta de seus cabelos maravilhosos. O poeta romano Virgílio conta uma versão em que a relação com Poseidon é consensual. Aponto essas versões conflitantes para justificar meu ponto e, igualmente, explicar porque não me deterei na imagem cara ao feminismo da mulher violada, punida e silenciada pela

monstrificação.

Voltando a Medusa monstruosa que, como suas congêneres (Sereias, Esfinge, Cila e Caríbdis) encarna o incognoscível, aquilo que não pode ser compreendido pelo intelecto ou pela razão. A única alternativa oferecida a quem as enfrenta é a morte. Mas os mitos operam no sentido de instruir como vencer mesmo o que não se compreende. Ao canto das Sereias se deve resistir à tentação. Ao enigma da Esfinge se deve decifrar com inteligência, pensando sobre si mesmo. Aos perigos de Cila e Caríbdis, o enfrentamento vem da coragem de avançar com cautela e precisão. Contudo, a Medusa monstruosa é a encarnação do horror, do medo puro, cru, cuja contemplação, mesmo que rápida, leva à morte sem apelação. Não há retorno para os que são petrificados. Quando o pavor assume o controle de nossas mentes e corpos, não há segunda chance. Não há enfrentamento possível a tal dimensão do medo.



*Odiseu lutando contra Cila e Caríbdis, em pintura de Heinrich Füssli (1794).*

Não há? Sim, há. Pode-se refletir, pensar sobre o medo, olhá-lo sem ser de forma direta. Usar um escudo. O escudo de Perseu é essa interface de pensamento, reflexão, capacidade de estruturar a ação antes de se colocar frente a frente com o horror que nos paralisa.

É aqui que entra minha defesa da literatura de terror. Em especial para os leitores mais jovens. Para mim, essa literatura é o escudo de Perseu, o legado da deusa da sabedoria, Atena. Enfrente seus medos, mas conheça-os primeiro, reflita sobre eles, experimente-os de forma segura antes que, na vida real, eles venham a paralisar seu corpo e mente com o medo cru e incognoscível. A literatura e a arte em geral são poderosas exatamente assim, quando se trata de fortalecer a mente e nossa capacidade de enfrentar os desafios diários e os medos cotidianos.

Posso parecer utópica, mas tenho a tendência a acreditar que quando mantemos crianças e jovens afastados da arte, da literatura (inclusive e fortemente aquela que se dedica ao terror), das narrativas ficcionais (mesmo as chamadas fantasiosas e irrealistas), é como se as estivessemos mandando para a caverna da medusa sem as armas adequadas. Sem um escudo para protegê-las, para impedi-las de petrificar e não poderem enfrentar seus pavores.

Após ter explicitado meus dois primeiros pontos: Medusa e o Escudo de Perseu; chego ao terceiro foco desse ensaio: o lugar das mulheres como escritoras de narrativas de horror e medo. Percebam que se adentrarmos nas alegorias e explicações que propus acima, é na escrita da literatura de horror que as mulheres conseguem, de uma só vez, encarnar todas as pontas do mito. Elas são a Medusa ao canalizarem os medos e o pavor da existência em suas narrativas. E, sendo mulheres, elas são especialmente sensíveis nisso. Por quê? Ora, eu realmente preciso explicar que as mulheres temem ir à esquina de suas casas e jamais voltarem? Temem a noite. Temem os estranhos e, por vezes, temem ainda mais os conhecidos. Temem por si, por suas filhas, suas amigas, pelas estranhas de quem sabem a morte e a violação. Temem as notícias dos jornais e suas manchetes que anunciam o quanto é perigoso ser mulher, estar no espectro do feminino, na sociedade em que vivemos.

Assim, escrevendo é possível às mulheres canalizarem todo esse pavor e, como a Medusa, causá-lo. Ao mesmo tempo, sua produção na literatura de horror tem o papel de ser o escudo, o objeto que permite refletir e fortalecer antes do enfrentamento. A

escritora é a Medusa e o escudo, é Atena e a espada de Perseu. Tudo em suas páginas. E, às vezes, é aí também um espaço catártico dos horrores de ser mulher num mundo patriarcalmente ordenado. Especialmente, quando a Medusa se impõe e vence, antes mesmo que Perseu consiga sequer pensar.



**Nikelen Witter é escritora, ensaísta, historiadora e professora da Universidade Federal de Santa Maria, RS. Seu conto “Mary G.” foi finalista Prêmio Hydra, e “O título é um grito” foi finalista Prêmio Odisseia. Participa de várias coletâneas como contista, como O Último Dia do Futuro, com autores de sci-fi do Brasil e da Romênia (Selo Nebula, Lu Evans).**

**Livros publicados: “Dizem que foi feitiço: as práticas de cura no Sul do Brasil — 1845-1880” (pesquisa histórica); os romances “Territórios Invisíveis” (Finalista do Prêmio Argos), “Guanabara Real e a Alcova da Morte” (Prêmios Le Blanc e AGES); “Viajantes do Abismo” (Prêmio Odisseia, Prêmio Bunkio e finalista dos Prêmios Jabuti e Argos); “Guanabara Real e o Covil do Demônio”; e a coletânea de contos “Dezessete Mortos” (Prêmio Açorianos de Literatura). Seu mais recente lançamento é o romance “Silêncios Infinitos”, o qual integra a coleção Dragão Mecânico (Draco).**

**No momento, está com mais dois livros no prelo: “Todos aqueles Sapatos Vermelhos”, ensaios sobre literatura e feminismo; e a coletânea “As aventuras de Miss Boite e outros contos”.**

# Coluna Monstruário

Por Nikelen Witter

Quando o monstruoso era ser mulher. O fantástico não prescinde de monstros e, em milênios de História, patriarcal, estes foram mulheres em sua maioria. Os monstros femininos são “as histórias de ninar” do patriarcado para apaziguar a dominação. Sem o controle e a subordinação ao masculino,

o feminino é furioso, incontrolável, caótico, voraz, cruel e fatal. No presente, porém, os monstros femininos vêm sendo ressignificados e revistos como signos de poder feminino e resistência. Abaixo, 6 monstros que amedrontam e resistem até hoje:

**LILITH:** a 1ª mulher a se recusar ao domínio masculino e foi transformada num demônio por isso.



**MEDUSA:** bela, terrível, imparável, é a vítima tornada vilã e que precisa ser vencida em sua independência.



**DRAGÃO:** força da natureza, vista como má, gananciosa, territorial e até como macho por conta de seu enorme poder. Mas coloca ovos, então, é fêmea.



**DEUSAS:** Gaia, Hera, Hécate, Éris... se você acha que não se coloca mulheres poderosas quase sempre como vilãs, basta dar uma olhada na cultura pop contemporânea.



**LÂMIAS/VAMPIRAS/BRUXAS:** a sempre reinventada metamorfa que hora é humana, hora é animal, hora velha, hora jovem, mas que mantém sua fome pelo sangue das crianças e é capaz de enganar os virtuosos.



**MULHER FAKE:** todas aquelas que enganam ou fingem feminilidade para enganar são potencialmente monstruosas. Vide a androide Maria de Metrôpolis, a Copélia de Hoffman e Bella Baxter de Pobres Criaturas.





# Especial Mulheres Fantásticas

# Altocumulus

de Lu Evans

**H**oje é meu último dia de férias e precisa ser perfeito! Começo pedindo um primoroso café da manhã, que é servido no pequeno terraço anexo ao meu quarto no hotel. Café e creme, torradas, ovos e bacon, e um arco-íris de frutas tropicais. Enquanto devoro tudo, admiro a bela paisagem das montanhas de um lado e o oceano do outro. Tudo tão relaxante!

Não. Nem tudo.

Há um ruído baixo e constante que definitivamente me irrita. De início, não consigo identificar a fonte, mas, aos poucos, me dou conta de que vem de muito longe, vem lá de cima.

Olho para o céu e percebo algo muito estranho: as nuvens. Elas não são como algodão doce branco e dis-

forme. Têm um formato circular perfeito e aparência tão sólida quanto a de um objeto metálico. Ainda mais estranho, apresentam o mesmo diâmetro e guardam a mesma distância umas das outras. Nunca vi ou ouvi falar de nuvens como essas.

Reparo em um movimento abaixo do meu terraço. É um garçom que vai em direção à piscina. Chamo por ele, e quando se vira para mim, aponto para o céu.

Ele leva apenas uma fração de segundo para olhar para cima, então comenta sorrindo:

— Sim, lindo dia, senhorita!

— Não! As nuvens! — comento atordoada por ele não ter percebido a mesma estranheza que eu. No mesmo instante, seu rosto se modifica e ele franze o cenho; penso, então, que se deu conta do fenômeno.





— Creio que vai chover. Tenha um bom dia! — Ele continua seu caminho para a piscina após o comentário sem propósito.

Volto os olhos para o céu e lá estão elas. Nuvens redondas e sólidas. Tão sólidas que não se movem com o vento. Tenho a impressão de que nem mesmo um tornado ou um furacão poderia desmanchá-las.

Desço até a recepção para conversar com os funcionários. Tenho certeza de que vão me dar alguma informação sobre esse tipo de nuvem, já que estão acostumados com o clima da região.

Tento explicar da melhor forma possível, mas as pessoas parecem confusas. Talvez eu esteja falando muito rápido. O melhor mesmo é mostrar. Então, peço:

— Alguém pode ir lá fora comigo só por um minuto para ver as nuvens?

Eles trocam olhares aborrecidos, mas finalmente uma funcionária concorda em me seguir. Ao chegarmos em frente ao hotel, ela examina as nuvens e diz:

— Tem razão.

Eu sorrio aliviada. É sempre bom ter razão, mesmo quando se trata de uma situação fora do normal.

Ela acrescenta:

— Aposto que vai chover hoje. Meu conselho é que você fique longe da piscina e do oceano se começar a relampejar. — E sorri para mim daquela forma plásti-

ficada como só as recepcionistas de hotéis fazem. — Posso ajudá-la em mais alguma coisa?

— Não... — murmuro, sem querer acreditar que ela não tenha percebido nada fora do comum.

Após me desejar um bom dia, ela se apressa para voltar à recepção, ainda envergando aquele sorriso estúpido de Barbie.

Suspiro e olho em volta. As pessoas estão caminhando, conversando e fazendo suas atividades diárias, alheias ao que está acontecendo acima das suas cabeças. Como é possível que eu seja a única a notar aquela aberração atmosférica?

Tem que haver uma explicação científica para o fenômeno. Penso um pouco e decido fazer o que qualquer pessoa sensata faria nesse tipo de situação: procurar um meteorologista.

Chamo um táxi.

— Eles têm uma estação meteorológica no centro da cidade. Apenas dez minutos daqui. A ilha não é muito grande — o motorista informa, já colocando o carro em movimento.

A meio caminho do centro da cidade, enquanto esperamos pela luz verde do semáforo, pergunto se ele percebe algo diferente no céu. O homem ergue a cabeça e sonda através do para-brisas, dizendo:

— Tão nublado! Às vezes chove bastante, mas eu prefiro dias claros.



Tento motivá-lo a refletir sobre o assunto.

— As nuvens são muito redondas e não se movem com o vento. E veja como estão espalhadas de forma uniforme. Por que será?

O motorista as observa mais uma vez e responde:

— Estão bem pesadas. Vai chover muito.

A conversa é inútil, e eu não digo mais nada. Quando a corrida acaba, agradeço, pago e saio do táxi na maior pressa.

Ao entrar no prédio, o segurança confere um documento meu, anota meu nome no caderno de visitas, me entrega um crachá de visitante e indica para onde devo ir. Agindo da forma mais natural possível, subo as escadas devagar quando minha vontade é escalar os degraus correndo. Na primeira porta à direita do segundo andar, vejo uma plaquinha.

*Centro de Estudos Climáticos e Previsão Meteorológica*

— No que posso ajudá-la? — diz uma mulher jovem e sorridente ao abrir a porta depois que eu bato algumas vezes.

— Tenho algumas perguntas sobre o tempo hoje.

Pode me ajudar?

Ela sorri ainda mais, animada pelo meu interesse.

— O que deseja saber?

— Sobre as nuvens.

— Claro. Na verdade, agora mesmo eu estava assistindo a algumas grandes formações...

— Acima da ilha?

— Não. No meio do oceano, a milhares de quilômetros de distância. Mas elas podem impactar a ilha porque...

Me sinto forçada a interrompê-la mais uma vez.

— E as nuvens sobre a ilha?

Ela responde de forma casual:

— Estão sempre por aqui por causa da umidade. Vai chover em breve. Nada demais, mas por razões de segurança, todos devem ficar longe do oceano e das piscinas por causa dos relâmpagos.

— Há alguma janela aqui para você olhar lá fora?

— pergunto impaciente, remexendo as mãos uma na outra.

Ela faz uma pequena pausa como se não tivesse entendido a pergunta. Por fim, responde:



— Sim, por quê?

— Porque essas nuvens estão me dando nos nervos!

Ela olha para mim um pouco desconfiada.

— Desculpe! — emendo. — Eu só acho que têm um formato muito incomum. Importa-se em me dar a sua opinião profissional?

Atravessamos a sala onde duas outras pessoas estão imersas nas telas dos seus computadores e paramos diante de uma enorme janela. Ela olha através do vidro durante algum tempo. Espero angustiada pela sua explicação.

— Existem dez tipos básicos de nuvens — ela inicia com ares de especialista, então aponta para o céu — Aquelas são altocumulus.

— Alto o quê?

— Altocumulus, o tipo de nuvem mais comum na atmosfera a uma altura média. Formam-se entre 6.500 e 20.000 pés. Adoro vê-las. Manchas brancas ou cin-

zentas pontilhando o céu.

— Elas não parecem manchas para mim, mas sim discos.

— Discos? — ela repete.

— Sim. Discos brancos e sólidos por todo o céu como... como pratos... discos... voadores.

Ela me estuda por um segundo e depois arma um sorriso amarelo. Eu sempre odiei sorrisos forçados.

— Ah, certo... Bem. Acontece que estou muito ocupada hoje. Aquelas nuvens grandes sobre o oceano a milhares de quilômetros daqui. Pois é. Preciso ficar de olho nelas. Então, se você não se importa...

Sua atitude me deixa frustrada, quase furiosa, mas tento me controlar.

— Entendo. Sendo assim, estou de saída. Obrigada pela atenção.

— Por nada. Tenha um bom dia — ela responde apressada, e percebo que quer mesmo se livrar de mim.



Sentindo-me uma completa idiota, vou embora. Enquanto desço a escadaria, recrimino minha maluquice.

Discos voadores! Minha nossa, de onde tirei isso? A maneira como ela me olhou como se eu fosse uma lunática! Talvez eu seja. Perdi meu tempo vindo aqui. Deveria ter procurado um médico, isso sim. Na certa, estou passando por alguma crise de ansiedade porque em breve estarei indo embora deste paraíso e voltando à minha rotina estressante na cidade grande.

Pergunto ao segurança da recepção onde fica o centro médico mais próximo, e ele diz que a ilha tem um pequeno hospital, localizado a duas quadras dali.

Decido ir até lá a pé. Durante a caminhada, muitas vezes, meus olhos se movem para cima, ainda atraídos pelas bizarras nuvens. Quanto mais observo aquelas massas de água condensada que pairam sobre a ilha, melhor consigo distinguir características surpreendentes: linhas, círculos, até mesmo luzes pulsando no centro de cada uma. Há também o zumbido constante. Caramba! Estou ainda mais preocupada com o meu estado mental.

Alcanço a avenida principal do centro da cidade e vejo que o hospital fica do outro lado. De repente, meus olhos se fixam em um homem perto do semáforo. Ele está distraído, olhando para cima. Será que percebe a natureza singular das nuvens que pairam sobre a ilha? Eu preciso saber. Preciso falar com ele agora mesmo!

Minha mente está tão tumultuada que meus pés se movem para a rua sem que eu tenha qualquer cuidado com o trânsito. Uma buzina me faz tremer da cabeça aos pés e congelo. Isso sempre acontece quando levo um susto.

A ambulância está virando a rua na minha direção. Já me sinto esmagada e morta, mas isso não acontece, pois um segundo antes de me atropelar, o motorista empurra o pé no freio e gira





o volante, desviando de mim. Porém, perdendo o controle, atravessa para a faixa oposta e sobe na calçada, atingindo o homem que eu pretendia abordar.

A culpa do acidente é toda minha. Corro até a vítima e me ajoelho ao seu lado, pedindo perdão. O homem

aponta para o céu com uma expressão estupefata.

— O que é? — pergunto em desespero. — O que está vendo? São as nuvens, não são?

Antes do seu último suspiro, ele balbucia:

— Vai cho-chover.



**Lu Evans** é formada em Jornalismo pela UFPB e faz Antropologia na Central New Mexico College/EUA. É editora, dramaturga e dedica-se ao gênero fantástico. Publicou até agora quinze livros solo, sendo sete traduzidos para o inglês e quatro para o espanhol. Participa de várias antologias e revistas nacionais e estrangeiras. É membro do Núcleo de Literatura e Cinema André Carneiro/Curitiba, PR, e da Speculative Literature Foundation/USA, pela qual é jurada dos concursos A.C. Bose, para asiáticos, e Diverse Worlds + Diverse Writers. Coordena o projeto Fantastic Literature by Women/US, sobre escritoras americanas nascidas até 1949, e no Brasil coordena (com Rozz Mes-

sias) o projeto Escritoras Fantásticas. Organizou 25 coletâneas, incluindo, em algumas, autores de vários países. Suas coletâneas “Feéricas” e “Vozes Inter galácticas” foram finalistas do prêmio Argos.

Sua peça “De Hoje Eu Não Passo” está em sua segunda montagem na Paraíba, seu Estado natal, ambas levando premiações diversas, incluindo a de melhor texto em um festival de teatro. Outro texto de dramaturgia seu, “A Fera”, teve sua versão em inglês, “The Beast”, narrada pela web rádio Soundscape/EUA.

Livros: “Teatro” (20 peças infantis, 2015); “Somniis” (distopia em co-autoria com Graci Rocha, 2017); “Hili” (sci-fi romântica, 2017), “Dragão Noel” (aventura infantojuvenil natalina em co-autoria com Dandara Evans, 2019); “Dramas Robóticos” (contos sci-fi, 2020); “Visitantes Noturnos” (contos sobrenaturais, 2021); “O Ork Sou Eu” (novela fantasia juvenil, 2021); “Cotaluna Popstar” (contos de fantasia folclórica, 2022); “De Hoje Eu Não Passo & A Fera” (dois textos teatrais adultos, 2022); “Krampusnatch” (contos natalinos, 2022); “Gregório, O Guardião” (contos de fadas, 2023). A também autora da série de fantasia juvenil Zylgor, com quatro volumes: “A Princesa das Águas”, “O Príncipe Flamejante”, “A Princesa dos Ventos”, “O Senhor dos Abismos”.

Sabia mais sobre a autora Lu Evans aqui:

<https://www.instagram.com/lu.evans>

# Quadrinhos fantásticos!

Mia



@REAJUNTA



# Quadrinhos fantásticos!

Mia



@REAJUNTA



# Quadrinhos fantásticos!

Mia



## SOBRE MIA

Mia Guedes é uma talentosa ilustradora brasileira que hoje vive em Ontário, no Canadá. Suas especialidades são as ilustrações digitais, mas também produz trabalhos com técnicas tradicionais, como guache e aquarela. Mia já ilustrou livros infantis, com o recente “Lucien o elefante”, da escritora Naya Potsch. Mia faz parte do coletivo de artistas “Ordem das HQs”, em que participa com suas tirinhas divertidas e sensíveis, tratando de temas

como a autoestima, relacionamentos e trabalho. Você pode acompanhar o trabalho da mia aqui:

<https://www.instagram.com/reajunta/>

<https://www.instagram.com/miaillustra/>

<https://www.instagram.com/ordemdashqs/>

# Coluna FATOS EM FICÇÃO

Por Lu Evans

O uso de pseudônimos masculinos por escritoras de ficção científica é uma prática antiga e ainda hoje exercida. Em um meio ainda dominado por homens, assumir uma identidade masculina atrai mais atenção, dá mais credibilidade e aumenta as vendas. Por um lado, as mulheres precisam se escon-

der por trás de uma figura masculina, por outro, elas usam esse subterfúgio para evitar críticas injustas, quebrar estereótipos e trazer a visão feminina para o gênero. Querem saber quem são algumas dessas es-pertinhas?



**Alice Mary Norton**

PSEUDÔNIMO:  
*Andre Norton*



**Alice Bradley Sheldon**

PSEUDÔNIMO:  
*James Tiptree, Jr.*



**Patricia Murphy**

PSEUDÔNIMO:  
*Pat Murphy*



**Megan Lindholm**

PSEUDÔNIMO:  
*Robin Hobb*



**Carolyn Janice Cherry**

PSEUDÔNIMO:  
*C.J. Cherryh*



**Margaret St. Clair**

PSEUDÔNIMO:  
*Idris Seabright*



**Christina Lynch e Meg Howrey**

PSEUDÔNIMO:  
*Magnus Flyte*



**Pamela Lyndon Travers**

PSEUDÔNIMO:  
*P.L. Travers*



**Anne Rice**

PSEUDÔNIMO:  
*A.N. Roquelaure*



# Especial Mulheres Fantásticas

## O Giro de Adisa

de Sandra Menezes

A história que você vai conhecer agora aconteceu no século XVII, na região do antigo Daomé, África Ocidental. Meu nome é Adisa, e, apesar de já ter passado tanto tempo, minha jornada continua sendo narrada por gerações e gerações de griots, com os mesmos detalhes do começo ao fim, sem que nunca ninguém pergunte se foi ou não verdade, pois isso é o que menos importa.

Nasci no Daomé, pertencendo à civilização Iorubá e fiquei viúva ainda jovem. Meu marido era Zaki, um mercador que acabou morrendo no deserto, numa das batalhas com os piratas azuis, como eram conhecidos os tuaregues.

Estávamos em 1647, e esses nômades tuaregues atravessavam o Saara em seus camelos, invadindo reinos, saqueando tudo o que encontravam no caminho, sempre bem armados com facas e espadas, prontos a roubar, matar, sequestrar caravanas e atacar cidades da África Ocidental.

Tudo o que eles capturavam, fosse ouro, especiarias, perfumes exóticos e até pessoas, era vendido a

bom preço no comércio estabelecido com os exploradores europeus no Norte do Continente Africano.

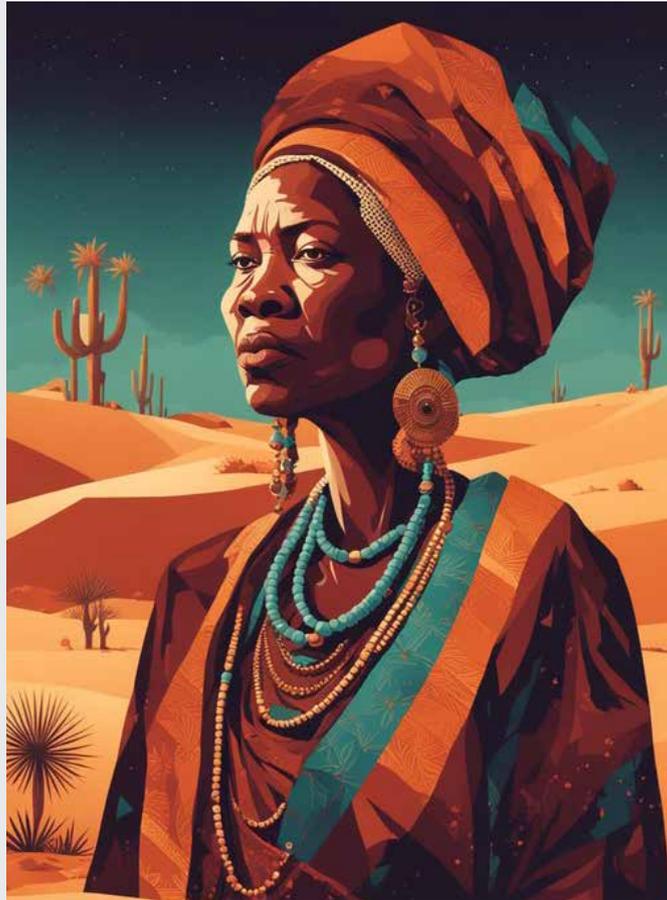
Sem meu marido, continuei cuidando de minhas terras, prósperas em ouro bruto, de onde era extraída uma boa quantidade para ser vendida aos habitantes de aldeias vizinhas menos afortunadas. Assim eu conseguia manter meu clã, formado por mim e por meus filhos, Kwame, Shaka e Kobbi, bons meninos, que me ajudavam também na plantação de grãos e de raízes para o nosso sustento.

Aos poucos, retomei a alegria de viver e tudo seguia bem, até que os tuaregues descobriram que havia ouro em nossas terras. Então, fomos brutalmente atacados, tive minha dignidade destruída e o coração partido ao ver meus filhos mais velhos serem covardemente mortos, quando tentavam me salvar da violência dos salteadores. Mas Kobbi, o mais novo que estava no quintal no momento da invasão, escondeu-se embaixo de um monte de palha de milho, não foi visto e escapou ileso.

Foi triste o meu destino. Além de saquearem tudo o



que puderam, os piratas me sequestraram para ser vendida como escrava. Entretanto, ao constatarem que eu cozinhava bem e tinha conhecimentos de plantas curativas, podendo ser de grande valia ao grupo, eles desistiram de me vender. Fui obrigada a fazer parte da caravana dos piratas, cozinhando, carregando água e cuidando dos camelos em muitas viagens por vários anos. Passei o resto de minha vida trabalhando duro para eles, até chegar à velhice. Quando eu não tinha mais energia para ser tão produtiva, sem dar conta dos trabalhos forçados, fui deixada para trás, para morrer de fome e de sede no deserto.



Exposta ao Sol, cruelmente entregue à solidão, à fome e à sede, vencida pelo cansaço, me ajoelhei e clamei por justiça a Olorum, o orixá supremo, criador de todas as coisas que existem no mundo. Quase desacordada, implorei pela morte imediata para não sofrer mais. Com muita fé em estar sendo ouvida, fiz ainda mais três pedidos a Olorum: que me fosse dada a permissão de voltar à vida com a juventude que tinha antes, reencontrar meu filho mais novo e reconquistar minhas terras. Em troca, prometi socorrer os famintos, oferecendo comida e água sempre que precisassem de ajuda. Olorum escutou a minha súplica desesperada, se compadeceu de meu sofrimento e me conferiu uma morte tranquila, sem dor. Imediatamente, ele evocou um dos seus filhos, Xangô, orixá da justiça, e ordenou:

— Por ter sido esta mulher correta e justa, leve seu corpo a uma pedreira, e que a vida lhe seja devolvida.

Xangô cumpriu as ordens de Olorum e levou o meu corpo a uma pedreira distante, a mais alta de todas. Após um ritual, batendo repetidamente na rocha com seu potente machado, fez reviver o meu coração.

Olorum convocou também Yewá, e, com voz macia conferiu uma missão à orixá do mimetismo e camuflagem:

— Vá ao encontro de Xangô. Que a mulher que está

com ele tenha a juventude necessária para lutar e receba um novo dom.

Yewá atendeu às ordens de Olorum e me fez renascer com a idade que eu tinha quando fui levada pelos nômades. Ao despertar, fiquei encantada com a beleza da orixá, e dela recebi comida e água, uma capa para proteção do frio e das tempestades no deserto, e ainda um camelo encantado que se tornou meu fiel companheiro. Antes de partir, Yewá revelou que havia me concedido o dom de alternar minha aparência entre jovem e velha, sempre que fosse necessário, bastando para isso que eu estivesse com minha fé inabalável e

fizesse um rápido giro em torno de mim mesma. Com as forças revigoradas, curvei-me agradecida diante dos orixás, montei o camelo e parti rapidamente.

No retorno à minha cidade, acontecia uma guerra entre os nômades invasores e os nativos. Quando tentava passar ao largo da batalha, encontrei um tuaregue muito ferido e gemendo, com sede. Mesmo reconhecendo nele o inimigo, tirei de dentro da capa pão e água para fortalecê-lo, e lhe dei de comer e beber, como havia prometido a Olorum. Era noite, e, no escuro, não pude ver o homem nitidamente, mas senti por ele uma imensa piedade. O tuaregue aceitou a ajuda da jovem mulher que lhe amparou, ergueu-se e voltou para a batalha.

Escondendo-me nas sombras, continuei no caminho. Quando cheguei diante da minha antiga morada, uma chuva torrencial começou a cair. No interior da casa, seis homens comiam e bebiam vinho fartamente, além de exibirem as pepitas de ouro que haviam se multiplicado desde os anos em que a propriedade fora tomada. Assumi a forma de mulher velha, coloquei a capa longa com capuz, com o qual protegi o rosto, deixando à vista apenas os olhos e meus cabelos brancos. Escondi o camelo, me enchi de coragem, chamei os homens no portão e pedi abrigo por uma noite. Um deles ficou com pena de mim, uma velha senhora na



chuva, com fome e sede, e permitiu que eu entrasse. O homem me acomodou em um pequeno quarto nos fundos e disse secamente:

— Pode ficar aqui até que a chuva passe. Mas amanhã, siga seu caminho.

O tuaregue falava baixo, como se não quisesse ser ouvido pelos companheiros. Ele saiu, mas logo voltou com um prato de comida, água e roupas secas. Sozinha, através de uma pequena janela, contemplei com tristeza as terras que um dia haviam sido minhas e de meus filhos, agora áridas e arrasadas pela exploração desmedida dos forasteiros na busca do ouro. Apesar da algazarra que os homens faziam na casa, entorpecidos pela bebida, consegui dormir por um tempo.

No dia seguinte, o primeiro raio do Sol me despertou. Sem demora, recobri-me com a capa e resolvi sair. Depois da noite de comilança e bebida à vontade, os homens haviam adormecido pesadamente, esparramados pelo chão do salão principal da casa. Pé ante pé, passei por cada um, e contei cinco. Ao chegar na varanda vi o sexto homem a uma boa distância, trabalhando no plantio de sementes. Com um estalar de dedos, fiz o camelo reaparecer, assumi a forma jovem e montei o animal, disposta a ir embora antes que pudesse ser vista, para voltar mais tarde com um plano de retomada de tudo o que era meu.

Entretanto, no instante em que peguei a direção da estrada, uma brisa suave começou a soprar e ouvi baixinho, ao pé do ouvido, a voz de Yewá me dizendo:

— Olhe para trás mulher. Lá está o seu filho mais novo, trabalhando em suas terras. Ele se fingiu de tua-

regue, aprendeu a língua deles e se juntou aos nômades invasores para sobreviver. Os enganou por anos, sem jamais ter sido traidor porque, mesmo ferido nas batalhas, não matou nenhum compatriota. Nunca esqueceu sua mãe, e viveu com a esperança de reencontrá-la.

Então, ainda impactada pela revelação, investi-me de fé e girei, me tornando velha mais uma vez. Retornei, andando suavemente pelo terreno, me aproximei de Kobbi, me apresentei como sua mãe e revelei o poder que me havia sido conferido por Olorum, Xangô e Yewá. Chorando, ele me reconheceu pelos laços de sangue e do coração, nos abraçamos emocionados e combinamos a retirada dos homens de nossa casa enquanto eles estavam ainda grogues e adormecidos.

Cuidadosamente, amarramos as mãos dos cinco tuaregues, tomamos suas armas e os acordamos com gritos horrendos. Ao mesmo tempo, armada de uma espada, eu ia girando diante deles, alternando minha imagem entre jovem e velha enquanto os expulsava. Aterrorizados, sem olhar para trás, surpreendidos por aquela inexplicável mutação, os invasores correram para longe e jamais retornaram àquele lugar. Com meu filho Kobbi, recuperei as terras e o que havia restado do ouro. Dali por diante, sempre que inimigos ousavam nos atacar, eu recorria ao meu poder de transformação, assustando os invasores que fugiam com medo. Aos que vinham em paz, eu sempre acolhia, oferecendo água, comida e repouso. E assim foi, ao longo de muitos e muitos anos.



Natural do Rio de Janeiro, **Sandra Menezes** é dramaturga, roteirista, escritora, atriz e cantora lírica. Atua como Jornalista há mais de 30 anos e atualmente seu foco é a literatura. Como dramaturga, assina o texto “Mãe”, idealizada por Roberta Valente e Tamires Nascimento. Como atriz, fez participações em novelas como “Avenida Brasil” (TV Globo) e “Os Mutantes”, TV Record. Coursou O Tablado por dois anos, onde participou das peças, “As Interferências”, de Maria Clara Machado e “Quem Pariu Mateus que o Embale”, de Taís Baloni. Fez o curso de interpretação na Casa de Cultura Laura Alvim, com o diretor Daniel Herz, e os cursos de interpretação para a TV como os de

Andréa Avancinni e do Studio de Atores. Tem participação das turmas da Flup-Festa Literária das Periferias, participando da turma de 2019 do Laboratório de Narrativas Negras para audiovisual - parceria com a TV Globo. Em 2020 participou do projeto literário - Flup/Digital - “Uma Revolução Chamada Carolina”, e integra a antologia “Carolinas”, editada pela Flup e a Bazar do Tempo. É roteirista da série de vídeos “Contos Valentes - Histórias infantis pretas”, que apresenta personalidades negras para crianças no canal de Roberta Valente no YouTube. Publica contos e crônicas em antologias nacionais com temática afrofuturista e afins: “Negras Crônicas” (Villardo), “Re-Existência” (Ed. Cartola), “Escritas Negras Femininas em Primeira Pessoa” (Oralitura), e “O Futuro é Nosso”, vol.3 (Kitembo). É autora do romance afrofuturista “O céu entre mundos”, publicado em 2021 pela Editora Malê, finalista do Jabuti 2022. Na Flup 2022, participou da mesa Narrativas Negras falando sobre seu processo de escrita, na programação da Casa Malê. Participa da coletânea internacional de ficção científica “Vozes Intergalácticas” (Selo Nebula, Lu Evans).

Saiba mais sobre a autora:

<https://www.instagram.com/sandramsmenezes/>



# Especial Mulheres Fantásticas

## Carla

de Marcia Medeiros

Os campos verdejantes da região de Caiboaté Grande ficavam distantes da cidade natal de Carla, Santo Ângelo, apenas 60 km, os quais seu pai costumava percorrer em pouco mais de uma hora. Ela sempre se lembrava desse passeio com carinho, porque era um momento único em que desfrutava total e completamente da companhia daquele homem por quem tinha um amor imenso. Aos olhos infantis de Carla, não havia nenhum ser mais sábio sobre a face da terra e que contasse tantas boas histórias.

A relação entre pai e filha era de uma cumplicidade gigantesca, a ponto de deixar a mãe da menina enciumada.

Sofia costumava dizer que Carla só tinha olhos para João desde o instante em que nascera. E João, apaixonado pela filha, cujo parto foi prematuro, a pegava no colo com todo cuidado, como se temesse quebrar um cristal de raridade extrema, e lhe contava a história da Batalha de Caiboaté, em cujos campos muitos indígenas missioneiros que se propuseram a defender a sua terra perderam a vida.

— Credo, João! — costumava dizer a mulher quando o ouvia falando sobre Sepé Tiaraju, o bravo guarani que morreu lutando contra o exército luso espanhol. — Conte para a menina uma outra história! Depois ela vai ficar igual a você que não fala de outra coisa senão desses índios mortos!”

João sorria docemente, sem contradizer a mulher,

enquanto continuava olhando para a filha, que lhe devolvia o olhar e o sorriso. E assim, a menina cresceu dividindo com o pai o grande amor que o motivava: a história dos Sete Povos das Missões, os aldeamentos indígenas que os jesuítas espanhóis fundaram na então província do Rio Grande de São Pedro, quando a região ainda pertencia ao reino de Espanha.

Mais tarde, devido ao Tratado de Madrid, as linhas de fronteira foram retificadas em nome de reis que nunca haviam pisado naquela terra. Isso mudaria para sempre a vida daquelas milhares de pessoas. O pai de

Carla costumava falar sobre o assunto com a filha, enquanto caminhava com ela de mãos dadas pela imensidão de Caiboaté. A criança olhava espantada para o horizonte tentando alcançar a compreensão daquilo que o pai dizia.

E João, segurando a mão pequena da filha entre as suas, seguia falando, mais de si para si do que para que a menina o compreendesse:

— É esse o mal

que pode causar a ganância humana...

Essa frase era o sinal que encerrava aquela pequena jornada dividida entre pai e filha. Então, ambos embarcavam no fusca azul, veículo que pertencia à família e que era tratado como se fosse um membro da mesma, e retornavam para casa, com os olhos ainda embebidos na imagem do campo verdejante que se estendia até beijar o céu no horizonte longínquo.





E Carla ia olhando a paisagem que se desdobrava pela janela, enquanto o carro se movia estrada afora, e ficava pensando em Sepé Tiaraju e nos guerreiros valentes que tomaram em Caiboaté. Nesse momento, a menina fechava os olhos e parecia que a cruz que se erguia dos campos, com seus cinco metros de altura, em uma homenagem aos mortos, buscava alcançar os céus e confortar a alma daqueles que haviam partido.

A mãe de Carla não entendia o fascínio que aquela história triste despertava no marido e na filha. Aliás, ela nem gostava de participar dos passeios e aqueles momentos mágicos passaram a ser algo que cimentou a forte relação de amor e cumplicidade entre João e Carla, que dividiam a mesma paixão. Não raras vezes era comum que Sofia dissesse ao esposo que era muito melhor a filha se divertir com as amiguinhas da escola nos sábados à tarde do que ficar andando a esmo no meio do matagal.

Pai e filha sorriam, condescendentes, e a menina respondia que faria isso no próximo sábado. E no próximo sábado lá iam novamente, João, Carla e o fusca

azul pelas estradas que levavam ao seu lugar favorito: Caiboaté.

Quando chegou a hora de Carla fazer o vestibular, ela não teve dúvidas sobre o caminho a escolher: marcou o X na opção História e partiu feliz para Santa Maria para fazer o curso dos seus sonhos. O pai ficou orgulhoso. Já a mãe parecia meio decepcionada.

— Tão inteligente, podia ter feito medicina...

Carla e João olhavam para Sofia e apenas sorriam, cientes de que ela jamais entenderia a paixão pelos tempos passados que os motivava. Como explicar para alguém que não conseguia escutar, que quando eles caminhavam de mãos dadas pelos campos de Caiboaté, o vento murmurava as histórias da batalha que aquela terra viu acontecer? Como explicar que, às vezes, lá no alto da coxilha distante, eles viam a silhueta de um guerreiro indígena com o braço levantado como se a convidar outros bravos para a guerra?

E assim, Carla foi para a cidade de Santa Maria, fez seu curso de História e quis o destino que seu João não chegasse a ver a filha formada. Um ataque car-

díaco fulminante levou-o deste mundo e com ele se foi também o sonho de Carla de fazer o mestrado e o doutorado porque ela precisou retornar a Santo Ângelo para auxiliar a mãe, pois Sofia ficara muito abalada com a perda do esposo.

A jovem engoliu a dor que a morte do pai lhe causara para cuidar de atender as dores de sua mãe e consolá-la da melhor forma possível. Conseguiu um emprego em uma escola particular da cidade e um contrato como professora substituta em uma escola estadual, seguindo assim com a sua vida. A única coisa boa que o retorno ao lar lhe ofereceu eram as visitas regulares ao seu local favorito, as quais ela retomou assim que foi possível.

Em um belo sábado de maio, em que o veranico se fazia presente e o inverno era apenas uma lembrança, Carla colocou uma confortável calça de agasalho, seus tênis de caminhada e uma camiseta branca. Prendeu seus cabelos em um rabo de cavalo e olhou para

sua imagem no espelho. Viu uma moça de 28 anos, com grandes olhos castanhos sonhadores. A moça lhe sorriu por um breve momento, o tempo justo de ouvir a voz da mãe que lhe chamava da cozinha:

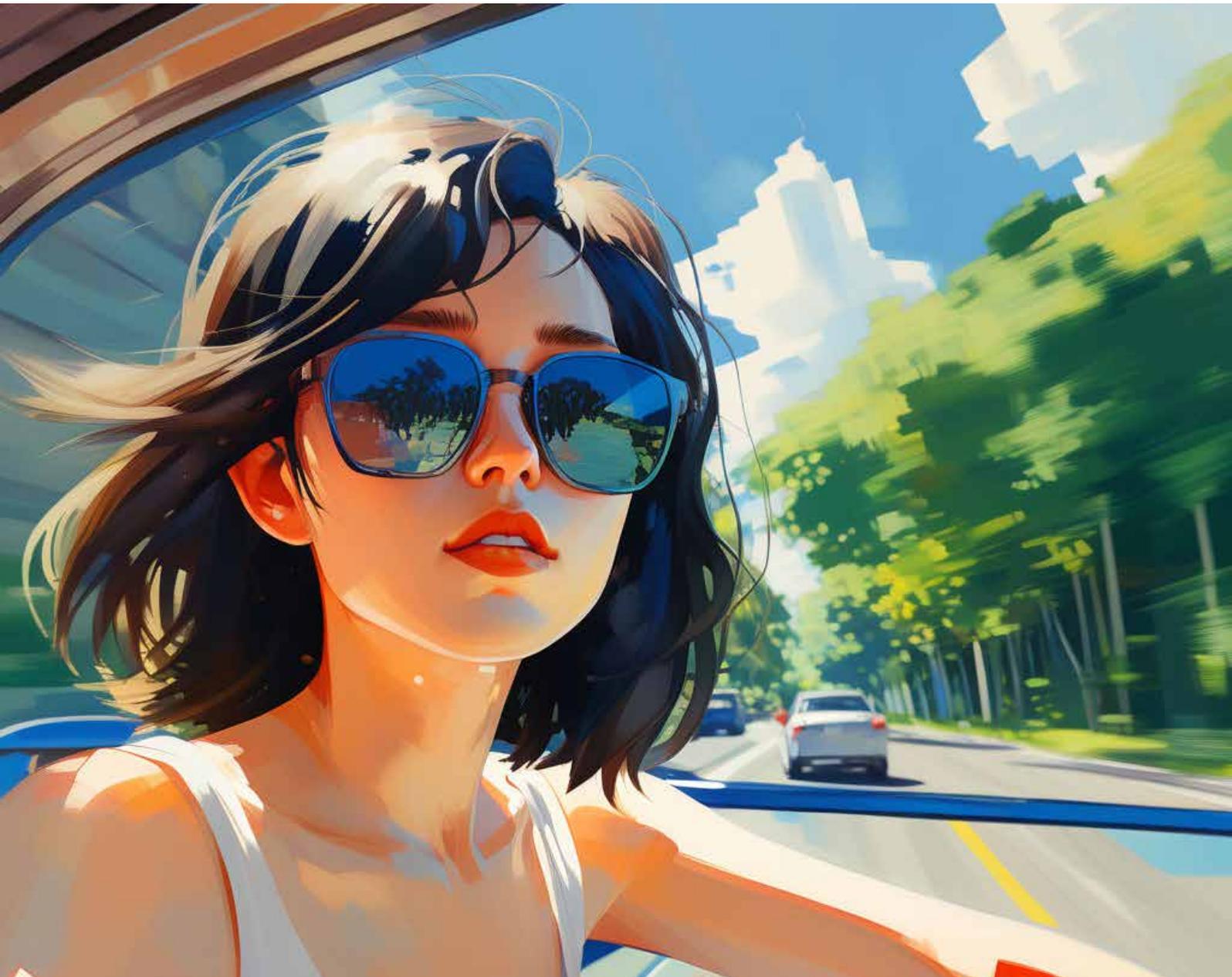
— Carla, pode vir aqui, filha? Não encontro meus óculos e sem eles não consigo ler essa maldita receita de bolo!

Com um leve suspiro, Carla respondeu à mãe enquanto saía do seu quarto:

— Eles estão na estante da sala, mãe, onde a senhora costuma deixar...

— Não estão! Já olhei lá! Tenho certeza que eu trouxe comigo para cá...

Carla caminhou pelo corredor estreito que levava do seu quarto até a pequena sala da casa que ela e a mãe dividiam desde que João havia morrido, entrou no cômodo e dirigiu-se até a estante, local no qual os óculos da mãe repousavam sobre a televisão. Ela os pegou e dirigiu-se até a cozinha:





— Aqui estão, mãe. Vou dar um passeio...

— E isso lá é roupa de passeio, Carla? Mais parece uma mendiga! Olha essas calças horrorosas! Nem para ficar em casa servem mais! E esses tênis? Aonde você vai desse jeito?

Carla caminhava em direção à porta dos fundos da casa, a qual levava para a garagem onde o velho fusca azul ficava estacionado, ouvindo a arenga de sua mãe.

— A senhora fala como se não soubesse aonde vou...

— Pois sim! Já vai de novo para aqueles cafundós?! Mas o que foi que você perdeu naquele buraco, Carla? Naquele campo não tem nada, tirando aquela cruz de mau agouro! Você é igualzinha ao seu pai! Vocês dois só podem ter um parafuso a menos! Ir lá uma vez para ver o tal do monumento tudo bem... Agora, todo santo sábado? Pelo amor de Deus! Arrume umas amigas e vá passear! Arrume um namorado!!!

Carla respirou fundo e sorriu. Não ia criar caso com a mãe por causa daquele tipo de discussão. Era sempre assim.

— Está bem, mãe, está bem... prometo que no sábado que vem eu vou na casa da Aline...

Sofia resmungou alguma coisa que a filha não chegou a ouvir direito porque a essa altura já estava dentro do velho fusca, que deu a partida de primeira. Era como se o carro soubesse para onde estava indo e se alegrasse com isso. Carla saiu da garagem e ganhou a rua, dirigindo-se para a saída da cidade e para a estrada que levava a Caiboaté Grande.

Os olhos da jovem foram aos poucos se tornando

mais e mais úmidos, até que uma cascata de lágrimas começou lentamente a escorrer pelas suas faces. A barragem da dor que ela escondia da mãe desabou de uma só vez e ela deixou que o choro fluísse da mesma maneira que fluem as águas de um rio caudaloso em busca do mar. Aquele choro tinha um pouco de tudo: saudades do pai, frustração pela vida que ela achava que merecia ter e pela vida que realmente tinha, angústia por não conseguir se fazer entender pela mãe.

— Ela sempre tem que me dizer que eu deveria ter feito isso ou aquilo! — disse Carla em voz alta enquanto batia com o punho cerrado no volante do fusca, expressando sua raiva contida. Tinha certeza de que se a mãe visse seu comportamento não iria ali reconhecer a filha calada e obediente que se dispunha a ouvir tudo o que ela tinha a dizer e sobre tudo o que ela costumava reclamar.

A saudade do pai lhe corroía o coração todos os dias. Não ter com quem conversar sobre as coisas que amava, com quem compartilhar seus sonhos e desejos era algo que lhe frustrava imensamente. Não havia como estabelecer um diálogo sobre isso com a mãe. Sempre que ela tentava falar sobre como era difícil o cotidiano na sala de aula, ouvia sua mãe dizendo que ela podia ter feito outra coisa na vida. Ou então, quando chegava feliz e comentava sobre o avanço que um ou outro aluno havia alcançado na escola, a mãe lhe perguntava se isso ia ajudar a pagar a conta de luz.

— Ela tem de ser sempre tão amarga? — Mais uma onda de choro convulsivo invadiu seu corpo, acompanhada de outro potente murro no volante. Dessa

vez, Carla acertou a buzina e ouviu um breve “biii” que lhe assustou e fez com que ela sorrisse. — Chega né, Carla? Já desabafou o suficiente. Não vamos deixar esses sentimentos estragarem nosso passeio. Vamos para o nosso santuário...

Foi nesse momento que ela viu, nos campos que margeavam a estrada, uma figura cavalgando em alta velocidade quase que acompanhando o carro que deslizava pela rodovia. Ou melhor, julgou ver... Afinal, a visão periférica prega peças e não era possível que alguém pudesse cavalgar naquela velocidade (o velocímetro apontava 90 km por hora, velocidade máxima que o fusquinha alcançava).

Carla riu um pouco nervosa.



— Deve ser cansaço — pensou.

Então se concentrou na estrada e o restante do caminho foi percorrido sem maiores surpresas. Pouco mais de uma hora depois que saíra de sua casa, ela chegava ao seu destino. Estacionou o carro e foi ao encontro daquele sol de maio que lhe aqueceu a pele e a abraçou calorosamente como se esperasse pela sua visita naquele lugar.

Ela colocou a mão em pala sobre

os olhos, mirando diretamente a cruz que se erguia no campo e começou a caminhar em sua direção lentamente. Queria aproveitar cada minuto daqueles momentos de silêncio e introspecção. Se o pai estivesse ali, com certeza estaria falando sobre Sepé Tiaraju e os bravos de Caiboaté.





“Sabia que ele disse aos inimigos que eles deveriam partir porque essa terra tinha dono?” Ela parecia ouvir a voz potente do pai embargada de emoção, repetindo a palavra do líder dos Guarani. Quando ele falava assim, Carla acreditava que, se se concentrasse e fechasse os olhos, iria ouvir as palavras ditas pelo herói missioneiro. E foi o que ela fez nesse momento, enquanto seguia devagar pelo campo que seus pés conheciam tão bem.

— **ESSA TERRA TEM DONO!!!!** — gritou uma voz que fez Carla se sobressaltar, abrindo os olhos rapidamente. Mas não com tanta presteza que pudesse evitar a queda que o buraco em que seu pé pisou inadvertidamente causou. Ela caiu e bateu a cabeça, ficando tonta. De repente, sentiu que o Sol desaparecia. Uma sombra bloqueava luz do astro-rei. Foi quando ela sentiu que alguém lhe tocava o ombro, como se tentasse ajudá-la a se levantar.

Ela girou sobre si mesma quando percebeu o toque em seu ombro. Viu diante de si uma figura masculina ajoelhada ao seu lado, com longos cabelos negros e lisos. Seus olhos castanhos brilhavam intensamente. Sua pele de um tom acobreado parecia resplandecen-

te. A boca de lábios finos se abria em um sorriso amigoso. O homem vestia uma espécie de túnica e calças brancas, feitas de um tecido rústico.

— Quem é você? — Carla perguntou enquanto o estranho lhe ajudava a se sentar.

— Sou aquele que guarda estes campos e vigia as coxilhas para que o inimigo delas não se aproprie.

A moça olhou curiosa e meio assustada para o homem que tinha diante de si. Por sua vez, ele também a observava. Quando ele estendeu a mão para tocar sua testa machucada pela queda, Carla se encolheu.

— De que você tem medo? — inquiriu a figura ao mesmo tempo em que se erguia e estendia a mão esquerda para ela.

Carla aceitou o convite e quando sua mão direita encontrou a mão esquerda do desconhecido no meio daquele campo banhado pelo sol do veranico de maio, uma tela abriu-se diante de seus olhos, fazendo com que ela gritasse. A jovem se viu em uma batalha feroz na qual guerreiros indígenas lutavam ferozmente e um homem (aquele homem diante dela!) ginetava um cavalo com destreza atijando a coragem dos que participavam da contenda.

Mesmo assim, de nada adiantou... aos poucos os corpos foram se empilhando e criando uma escultura de horror. Os olhos de Carla nunca tinham presenciado uma cena tão dantesca.

— Foi isso que aconteceu na batalha de Caiboaté — disse o homem, ainda segurando firmemente a mão dela.

Carla quase não conseguia respirar. Ela viu o ginete caindo, não sem antes bradar que aquela terra tinha dono. Ela o viu morrendo, seu corpo estremecendo enquanto ele se afogava no próprio sangue, que manchava de vermelho suas vestes brancas e banhava a terra. Ela viu quando a terra pareceu engolir aquele líquido precioso, sequiosa e voraz. Viu também homens usando longas vestes negras (jesuítas?) se aproximando do local do combate, fazendo sobre os corpos mortos o sinal da cruz.

Viu quando outras pessoas, em meio à noite silenciosa, erigiam no local do combate uma cruz de madeira, bem no lugar em que ela estava acostumada a ver uma cruz de alvenaria de cinco metros de altura. Seus olhos viram tanta coisa naquele dia de sol. Entre as tantas coisas que viram, aqueles olhos reconheceram a figura de seu pai, que lhe acenava ao longe.

Ela respondeu ao aceno. E depois tudo foi escuri-

dão...

Quando Carla acordou, a noite já havia chegado e a Lua tomara o lugar do Sol. O céu estava pontilhado de estrelas que reluziam como se fossem gotas de prata caprichosamente bordadas no firmamento pelas mãos de Deus. Ela sentou-se, aturdida, sem saber direito o que tinha acontecido. Lembrava-se de ter chegado ali pela manhã e depois tudo era apenas um borrão na sua memória.

Ela sentiu uma pontada de dor na cabeça e levou a mão à testa, notando o inchaço que ali estava, proveniente de um galo gigantesco. Então se lembrou de ter caído e batido com a cabeça... Notou também que sua mão direita formigava como se ela tivesse dormido sobre ela e o sangue parado de circular. Com os olhos arregalados, percebeu que a pele da sua mão havia escurecido e assumido um tom mais acobreado.

Carla levantou-se e foi cambaleando até o lugar em que havia deixado o fusca. Ela deu um suspiro de alívio quando viu que o carro continuava parado no mesmo lugar. Como estava tremendo, teve uma enorme dificuldade em conseguir abrir a porta, entrar no carro e dar a partida. Ficou imensamente feliz quando conseguiu manobrar o carro e conduzi-lo na direção da rodovia.



Chegando em casa, estacionou o carro na garagem e ficou algum tempo em silêncio dentro dele, com a cabeça recostada ao volante. Assustou-se quando ouviu a mãe chamando:

— Carla!!! Já são mais de 10 horas da noite? Vai ficar aí até amanhã? Que foi isso na sua testa? Filha, você está tão pálida! Parece que viu um fantasma!

— Mãe, não vi a senhora chegar... Não foi nada, eu caí hoje no campo... só isso... estou bem...

— Sempre digo que aquele lugar é de mau agouro! Quem sabe agora você me escuta! Imagina se tivesse acontecido algo sério! E você ficou lá naquele ermo até agora!?

Carla saiu do carro sem responder. Entrou em casa e foi direto para o seu quarto. Pegou sua toalha de ba-



nho que estava em cima de uma cadeira e retornou em direção ao banheiro: uma boa ducha iria afastar da sua cabeça a estranheza daquele dia. Sua mão direita continuava formigando e parecia diferente da mão esquerda.

Ela ligou o chuveiro, e enquanto esperava que a água esquentasse, olhou-se no espelho. Não pôde evitar que um grito lhe escapasse da garganta ao notar que atrás dela havia um homem de longos cabelos negros e lisos. Seus olhos castanhos fulguravam.

Quando ouviu o grito de Carla, Sofia correu para o banheiro. Encontrou a filha sentada no chão frio, chorando convulsivamente enquanto repetia com uma voz gutural:

— Essa terra tem dono!



Marcia Medeiros reside em Mato Grosso do Sul, onde atua como professora da Universidade Estadual e do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Saúde. Tem graduação

e mestrado em História e doutorado em Letras. Dedicou-se à área de Estudo de História Cultural, promovendo uma conexão entre a literatura e outras áreas, como História e Saúde, por exemplo. Tem contos e poemas em várias antologias. Publicou, no formato de livro artesanal, o conto “O Bugre”, que se passa nos tempos da colonização. Como escritora e historiadora, tem especial interesse pelo vampirismo e pela idade média, o que a levou a criar o personagem Demétrius, um vampiro que conta sobre os primeiros tempos da idade das trevas: “A Idade Média Narrada por Um Vampiro”, 2017, seguido do volume II em 2018. É também autora de “A história de Tarim”, 2021, novela de fantasia para o público jovem. Participa das coletâneas internacionais de ficção científica “Factor Morus” e “Vozes Intergalácticas” (Selo Nebula, Lu Evans).

# Especial Mulheres Fantásticas

## O protagonismo feminino no conto “Túneis Calados”, de André Carneiro

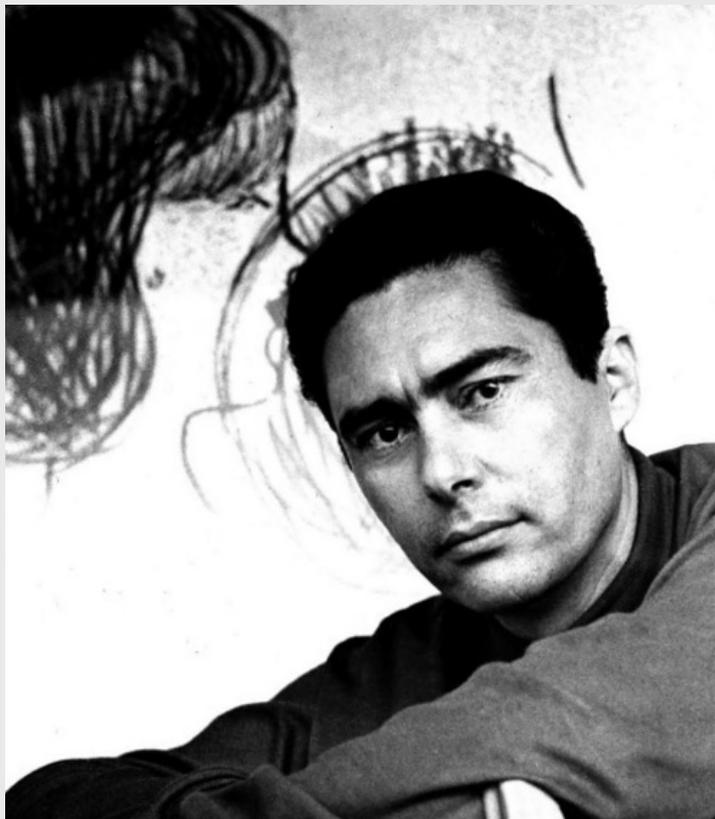
Resenha de Alessandra Dossena

Como escrevi no prefácio da coletânea “NEON – 20 anos de NLCAC”: “Eu não tive a honra de conhecer André Carneiro, mas respiro seu legado cultural na convivência com os colegas do Núcleo que aprenderam com ele. Posso dizer que ser convidada a escrever sobre seu trabalho sempre me faz sentir mais próxima a ele”.

André Granja Carneiro, o autor desse conto, foi atibaiano do interior paulista, nasceu em 9 de maio de 1922. Além de ser considerado um importante escritor brasileiro de ficção científica, ele foi poeta, fotógrafo, cineasta, artista plástico, publicitário, crítico, hipnotizador clínico, entre outras atividades.

Você deve estar pensando porque estou falando de André Carneiro se a edição especial dessa revista é sobre mulheres. Mas acho importante também destacar autores homens que construíram grandes

personagens mulheres, como é o caso do André e da protagonista desta história: a Joana. A propósito, no segundo parágrafo do conto, André já nos revela como será sua personagem: “Seu olhar forte não sustentei”. E, não é assim? A força da mulher é uma mistura de resiliência, determinação e graça, que ecoa através das eras.



O poeta, artista plástico, fotógrafo e escritor de ficção científica André Carneiro (1922 - 2014)

O conto é narrado em primeira pessoa, por um amigo de Joana que a conheceu frequentando juntos as reuniões literárias realizadas na casa do Nelson. O tema da vez era trazer ideias para contos. “Joana escrevera uma sinopse sobre um tema que imaginava interessante. Nesse dia justamente foi solicitada a ler essa estória”. No final da reunião, Joana entregou ao narrador um texto impresso para que ele lesse.

Após uma promessa vazia de que leria seu texto, eles se encontram novamente na reunião seguinte e ele percebeu en-

tão Joana diferente. Até tentou se oferecer para uma visita ao casarão onde ela morava, mas não obteve sucesso.

Incrível como André Carneiro descreve sua protagonista: *“Joana enfrentava com calma e segurança quando eu fazia perguntas mais diretas sobre o casarão. Eu notava a cicatriz ficar ligeiramente vermelha. Joana não desviava seus olhos dos meus. Seu tom de voz era firme. Ela supunha que eu deveria conhecer pelo menos as velhas lendas sobre o casarão”*. Sua escrita me conquista nessas descrições, pois ser mulher não é ser a personificação da força silenciosa que persiste diante das adversidades, uma chama que não se deixa apagar?

Aqui nesse ponto do conto, após o autor narrar um pouco da Segunda Guerra Mundial, o leitor descobre que *“alguns poucos estudiosos sabiam que havia em Curitiba velhos túneis, cujas origens e finalidades tinham explicações contraditórias”*. E então a história fica ainda mais intrigante, ao sabermos que um dos antigos túneis parte do casarão de Joana.

Os dois se aproximam mais a cada reunião, as conversas se prologam e o mistério sobre sua cicatriz permanece. *“Eu sentia Joana mais calma e confiante, enfrentava assuntos delicados, até já virava o rosto completamente para mim”*. E André Carneiro segue mesclando fantasia com realidade, a realidade de ser mulher. Mostrando com pequenas frases que as mulheres carregam consigo a habilidade de equilibrar delicadeza e poder.

*“Joana nunca deixou escapar a palavra túnel. Mas, palavras interrompidas indicavam que as pro-*

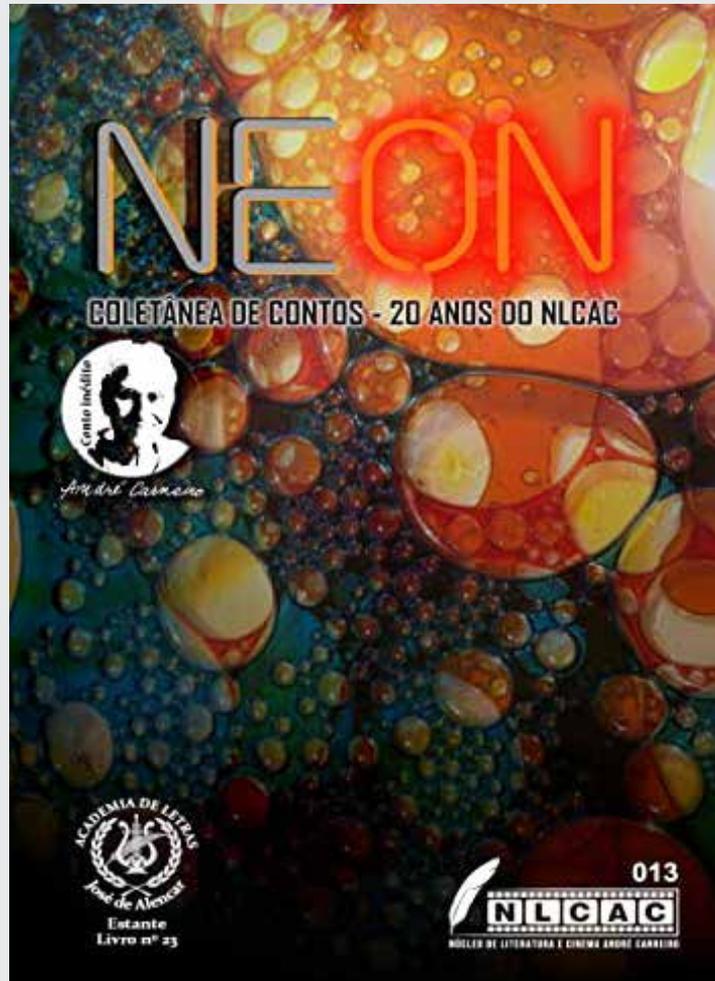
*fundezas subterrâneas tinham sido palco de muitas vivências”*. O conto segue com o narrador tentando arrancar informações, descobrir os mistérios e ao mesmo tempo solucionar os segredos que aquela alma feminina guarda. Enquanto isso, ele também revela ao leitor as mais diversas teorias sobre os túneis misteriosos.

Mas a força da mulher não reside apenas nos seus passos firmes, mas na capacidade única que ela tem de transformar desafios em oportunidades. E o autor reforça isso quando escreve: *“A seriedade de Joana ocultando segredos que eu queria conhecer me instigava como um desafio”* e *“Mas perguntei a mim mesmo se a curiosidade pela investigação dos túneis seria justificativa para encontrar com Joana”*.

Aos poucos, com diálogos mais diretos, o leitor penetra nos sentimentos mais íntimos dos personagens, percebe sutilmente que já possui mais proximidade e fica torcendo para que a fantasia ceda lugar ao romantismo. E nessa torcida acaba mais intrigado com aquela onda de mistérios que paira

no casarão, mas respira aliviado quando o narrador, que agora revela seu nome, consegue finalmente respostas com a Rosa, irmã de Joana.

E se a partir de agora eu revelar mais da história, perde a graça. Só posso dizer que entre tesouros, sejam materiais ou emocionais, *“Joana parou de falar e pegando em minha mão levou-me para caminhar”*. Mais uma vez o autor mostra a força e o poder da mulher, entrelaçada com a capacidade de conduzir situações, inspirar vida e nutrir esperanças. E ainda na condução dos fatos e descobertas, Joana se mostra sensível e delicada. As maravilhas de ser mulher!



*A coletânea “NEON - 20 anos do NLCAC”, lançada em 2022, para celebrar os 100 anos de nascimento de André Carneiro e os 20 Anos do NLCAC (Núcleo de Literatura e Cinema André Carneiro). O livro trouxe contos de 20 escritores do Núcleo, incluindo o conto inédito “Túneis Calados” de André Carneiro.*



*Acima, páginas do livro “André Carneiro : fotografias”, lançado em 2016 pela editora Cultural Office com organização de Mauricio Soares Carneiro.*

E só para que você fique mais curioso, o personagem narrador passa a ajudar as irmãs em uma missão, investiga um morador das sombras, decifra livros antigos e descobre que uma das lendas sobre os túneis é bem verdadeira. Uma mulher tímida consegue abrir um baú de revelações instigantes que o movem do início ao fim. A história da família de Joana estava cercada de vários episódios ocultos, inclusive envolvendo a morte do seu pai. E nesse ponto, estamos tão presos nas teias destes mistérios que não queremos mais que seja um conto, mas uma série de livros!

Eu gostaria muito de revelar mais trechos desse conto incrível, para mostrar como o autor conseguiu melhorar o que já estava pronto, entrelaçar lendas e fantasia como um desfecho bem realista, que celebra a força da mulher em todas as suas formas, nas pequenas vitórias cotidianas e nas grandes conquistas.

O conto ainda tem um breve epílogo, mostrando ao leitor a maior das revelações, uma inesperada informação que pode até mudar o contexto e algumas interpretações, mas não muda o que eu encontrei de melhor nessa história de André Carneiro, o lembrete da força inesgotável da mulher, uma malha intrincada de habilidades, capaz de equilibrar de forma notável as diversas facetas de sua vida.

André Carneiro, com sua protagonista Joana, nos lembra que, quando capacitadas e apoiadas, as mulheres têm o poder, não só de equilibrar suas próprias vidas, mas de transformar o mundo ao seu redor.



Original do Paraná, **Alessandra Dossena** é graduada em Ciências Contábeis, Sistemas de Informação, Licenciatura em Letras e pós-graduação em Administração de Empresas e Marketing Digital. Na literatura, iniciou-se aos doze anos como poetiza. A partir de 2012 lançou cinco livros infantis e uma antologia de contos de fantasia, “Viagens Absurdamente Fantásticas”. Participa de mais de 50 coletâneas como contista, sendo premiada em algumas cidades do Brasil e também na Academia de Artes e Letras de Buenos Aires. É membro da Academia de Letras José de Alencar e da Academia de Belas Artes do Rio Grande do Sul, do Núcleo de Letras e Artes de Buenos Aires e do Núcleo de Literatura e Cinema André Carneiro, do qual é coordenadora atualmente e pelo qual co-organizou cinco coletâneas.

# Prêmio Argos 2023: Vencedores

## Uma tradição com mais de duas décadas

O Prêmio Argos de Literatura Fantástica é a mais importante premiação dedicada ao gênero fantástico no Brasil, englobando fantasia, ficção científica e horror. A premiação anual, que se iniciou no ano 2000, elege as melhores obras do ano anterior em 3 categorias - conto, antologia/coletânea e romance - e é promovida pelo Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC), entidade que existe desde 1985 e tornou-se a mais importante difusora do gênero fantástico no país.

### RESULTADO FINAL DO PRÊMIO ARGOS 2023

#### Melhor Romance:

##### VENCEDOR:

- **Estação das Moscas**, de Cirilo S. Lemos

#### Finalistas:

- \* O Fantasma de Cora, de Fernanda Castro
- \* Paradoxo de Theséus, de Alexey Dodsworth
- \* Baluartes: Terra Sombria, de Clinton Davisson
- \* Bem Mal me Quer, de Hache Pueyo

#### Melhor Coletânea ou Antologia

##### VENCEDOR:

- **Os Pilares de Melkart: Viagens de Balthazar e Lísia**, org. por Ana Lúcia Merege

#### Finalistas:

- \* Outros Brasis da Ficção a Vapor, org. por Davenir Viganon
- \* Mafaverna: Democracia, org. por Jana Bianchi e Diogo Ramos
- \* A Study in Ugliness e outras histórias, org. por Hache Pueyo
- \* Fator Morus, org. por Lu Evans

#### Melhor Conto:

##### VENCEDOR:

- **Jogo do destino**, por Ana Lúcia Merege

#### Finalistas:

- \* Sankofa, por Juliane Vicente
- \* O Renascer dos Deuses, por Oghan N'Thanda
- \* Planeta Quilombo, por G.G. Diniz
- \* Fica com Mi-go esta Noite, por Carlos Relva

**PARABÉNS AOS  
VENCEDORES E AOS  
FINALISTAS DE CADA  
CATEGORIA.**

**Comissão Prêmio Argos de  
Literatura Fantástica 2023:**

*Luiz Felipe Vasques*

*Eduardo Torres*

*Sid Castro*



# Prêmio Argos 2023: Entrevista



O Mundo Antigo era repleto de encontros e mistérios. Mostramos, então, o espírito dos deuses interferindo na vida dos mortais, sem falar na ameaça constante que eram as guerras, invasões e pirataria. Naqueles mares, por séculos, navegaram os fenícios, comerciantes e pioneiros em novas rotas, cuja memória e artimanhas foram cantadas até mesmo nos versos de Homero.

Sob a bondade de Fênix e com o auxílio de Balthazar de Tiro e seu jovem companheiro Lísias, um belo e corajoso navegador, após realizar um artefato mágico criado pelo deus egípcio Thoth, os dois viajam no tempo, indo parar em diferentes épocas e lugares. Do labirinto de Creta à Jerusalém do Ano Um, passando pela mítica Tarsos e pelos banhos da comédia grega, este livro irá narrar suas jornadas cheias de perigo e aventura, na companhia de heróis e criaturas mágicas.

*Os Pilares de Melkart* é o novo livro de Ana Lúcia Merege (de *O Castelo das Águias* e *Três Contos de Fadas*), com ilustrações de Erickson, e traz cinco narrativas originais inspiradas pelos mitos e textos clássicos, porém carregadas pelo melódico sussurro das musas. Abra as velas e desbrave esses mares que desafiam os espíritos mais destemidos.

## Entrevista de Rubens Angelo com Ana Lúcia Merege, ganhadora do Argos: melhor coletânea (Os Pilares de Melkart: Viagens de Balthazar e Lísias) e melhor conto (Jogo do destino)

**RUBENS ANGELO:** Como você se tornou uma escritora? Algum livro, autor ou autora contribuiu para a sua decisão de começar a escrever?

**ANA LÚCIA MEREGE:** Eu sempre gostei de ler e ouvir histórias, e desde bem cedo comecei a imaginar as minhas próprias. Às vezes eram finais alternativos ou desdobramentos de histórias de que eu gostava (da Mitologia Grega, que eu conheci bem cedo, de personagens de aventura, como o Mogli e o Robin Hood, e de heróis de desenho animado). Mas às vezes e cada vez mais eram meus próprios personagens. Criei meus próprios super-heróis, meus aventureiros, meus piratas, meus magos, até meus deuses. O exercício da escrita começou com balões e lendas que eu colocava em meus desenhos e depois passou à tentativa de realmente escrever histórias, quando eu tinha apenas 5 ou 6 anos. Acabei só conseguindo concluir algo sa-

tisfatório depois dos 20 anos de idade, mas já tinha em mente a ideia de que queria ser uma escritora, e o livro que mais me influenciou para isso foi A História Sem Fim, de Michael Ende. Foi o que me fez ver que eu não precisava desistir de escrever (o que todos me diziam que não iria garantir meu sustento) para ter uma família e os meios de me manter. Ou seja, percebi, com o Bastian Balthazar Bux, que eu podia fazer as duas coisas, viver neste mundo aqui e ao mesmo tempo nos meus imaginários. E o ato falho me pegou: trinta anos depois, um dos meus mais recentes heróis de aventura se chama Balthazar. :)

**R.A.:** De onde surgem as suas ideias? Que tipo de histórias você gosta de contar?

**A.L.M.:** Surgem de muitos lados. De leituras, filmes, músicas, recentemente um anime; de observações,

interações, viagens, vivências, memórias. Gosto de contar histórias centradas nos personagens, adoro escrever slice of life, ao mesmo tempo que curto histórias de aventura, com um ritmo rápido e uma narrativa leve. O estilo mais tradicional de narrativa da fantasia épica eu não costumo gostar tanto, mas às vezes gosto de experimentar e emular outros tipos de narrativa tradicional, como quando imitei o estilo de Malba Tahan em “O Grande Livro do Fogo” (da coletânea “Medieval”, que organizei com Eduardo Kasse) ou o estilo das sagas islandesas em “Thóra, a Destemida” (na coletânea “Vikings: nas Palavras dos Skalds”, organizada pelo Kasse). Tenho algumas de fantasia sombria e umas poucas de terror psicológico que foram até elogiadas, mas mesmo nelas não peso muito a mão.

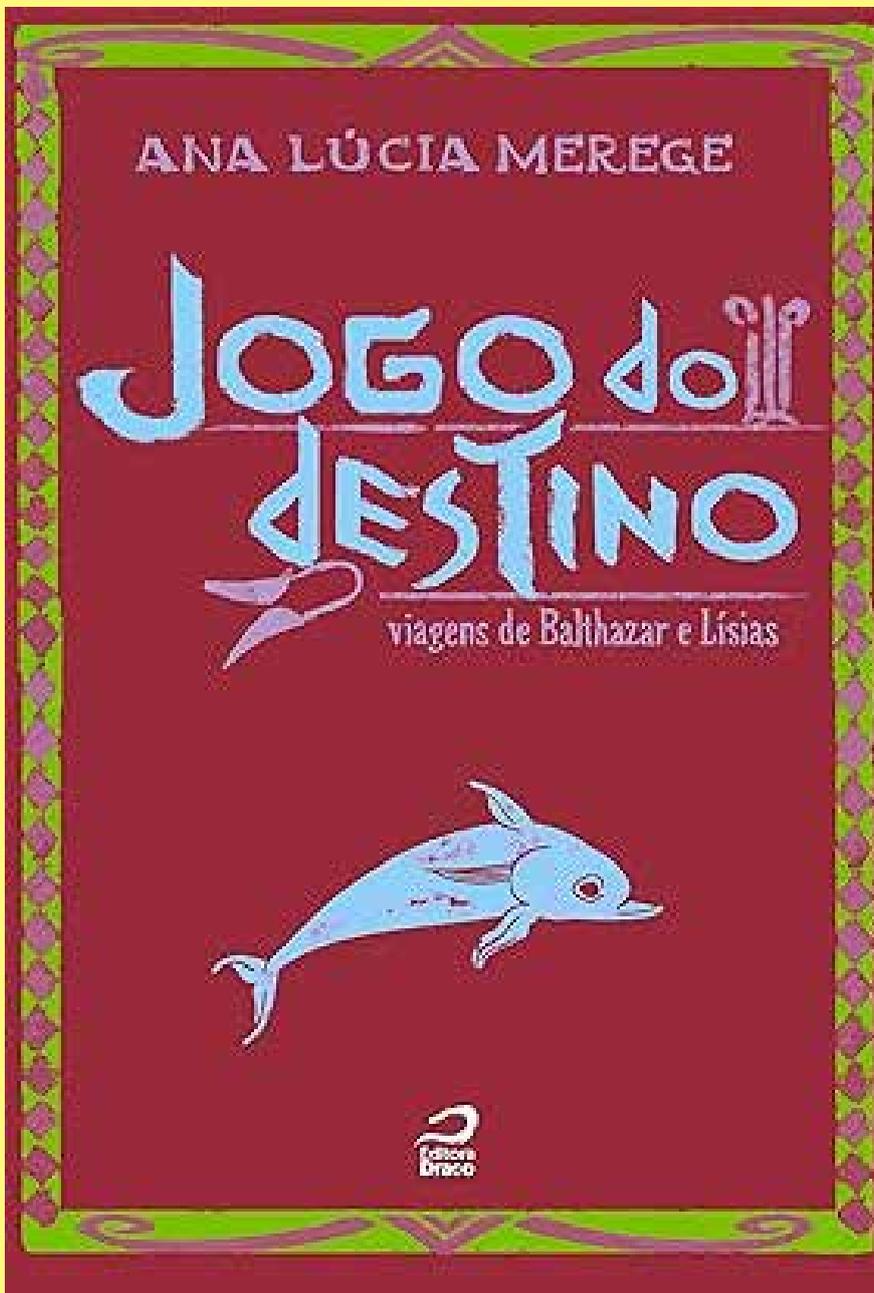
A maior parte das minhas histórias tem final feliz (embora não edulcorado) e é escrita de forma leve, até por isso muita gente me considera mais uma escritora de juvenis. Na verdade, de juvenil mesmo eu só tenho três livros: “Pão e Arte”, pela Editora Escrita Fina, e os que saíram pela Draco do universo Athelgard, “Anna e a Trilha Secreta” e “Orlando e o Escudo da Coragem”.

**R.A.:** O mercado do fantástico brasileiro ainda é um espaço de maioria masculina, o que muitas vezes dificulta a entrada de mulheres (o fandom da ficção cientí-

**ca, por exemplo, é por vezes visto como machista). Como você enxerga esse cenário?**

**A.L.M.:** Acho que esse fandom reflete outros setores de atuação. Está na literatura (não apenas a fantástica), assim como está nos games, assim como está nas corporações, onde na maioria das vezes há muito menos mulheres do que homens em cargos executivos e onde até essas mulheres passam por discriminação, sofrem tratamento diferenciado, são levadas menos a sério... Na Literatura, especificamente, as mulheres foram por muito tempo relegadas a alguns gêneros, como a literatura infantil e a poesia, e as que se sobressaem noutros gêneros têm sua obra julgada com muito mais rigor do que se fossem homens. Recentemente virali-

zou o comentário de um homem que disse não se identificar com personagens femininas, quando havia se identificado com personagens não-humanos (não lembro se eram animais, robôs ou o quê). Daí já se percebe como é longo o caminho e mais longa é a meta (parafraseando os penitentes do filme do Brancaeleone...). Eu acho que esse cenário está mudando, embora lentamente, e ele vem junto com outras pautas de inclusão igualmente importantes. Acho que hoje as mulheres se posicionam mais, aquelas que escrevem se dispõem mais a publicar, a ocupar espaços e a ter seu





trabalho valorizado. Mas ainda existem dificuldades, às vezes fáceis de perceber, às vezes não, porque vêm embrulhadas em um pacote feito de sutilezas.

**R.A.:** Ainda nesse contexto de nosso cenário, qual conselho você daria para as jovens mulheres que desejam se tornar escritoras de literatura fantástica?

**A.L.M.:** Escrevam. Achem sua voz. Ocupem espaços. Criem espaços. Leiam e divulguem outras mulheres. Não criem competição, sejam solidárias. Não tem muito que dizer a não ser o mesmo que a gente diz em outras circunstâncias em que somos prejudicadas, como o mercado de trabalho em N profissões e a maternidade solo, que vale também para muitas casadas : mana, vamos juntas que chegaremos mais longe!

**R.A.:** Você venceu duas categorias do Prêmio Argos de 2023, o que é um grande feito. O que esses



**“Escrevam.  
Achem sua  
voz. Ocupem  
espaços. Criem  
espaços. Leiam  
e divulguem  
outras  
mulheres.  
Não criem  
competição,  
sejam  
solidárias. ”**



**prêmios significam para você?**

**A.L.M.:** Um prêmio é sempre um reconhecimento, um lembrete de que a gente está produzindo e alguém se interessou em ver. Eu gosto de ganhar prêmios pela celebração, porque algumas pessoas dizem: foi merecido! E eu sei que elas falam de coração, porque leram o livro ou algum outro trabalho meu e acham que eu escrevo bem e faço uma diferença, por pequena que seja, no panorama da literatura fantástica brasileira. Em suma, o prêmio é um testemunho de que eu escrevi, publiquei, dei à cara a tapa e saiu uma coisa bacana. E o prêmio também me faz refletir sobre o trabalho de todos que me ajudaram a estar lá, em especial o Erick Santos e o Raphael

Fernandes, da Editora Draco, que desde 2009 está fazendo um trabalho incrível no campo da literatura fantástica e dos quadrinhos. É mais um momento que fortalece minha convicção de que estamos aqui para ajudar uns aos outros e para criar os espaços que não nos são facultados pela grande mídia.

# Conheça a nossa equipe!

**A** revista Somnium é feita por um grupo dedicado que tem muito amor pela ficção científica e a literatura fantástica em geral. Para quem não sabe, todos os contos enviados para a Somnium são lidos, primeiro, pelo GRUPO DE LEITURA CRÍTICA. Essa equipe é quem avalia a história, levando em conta aspectos como a originalidade da narrativa, a coerência e a técnica literária do autor(a). Em suma, o grupo decide se o texto submetido será ou não publicado, apresentando, em qualquer dos casos, argumentos e sugestões para possíveis melhorias no texto.



**Dario Andrade**

**Os leitores críticos são a alma da revista. Quer conhecê-los? Eis a turma:**



**Valter Cardoso**



**David Machado**



**Silvio César**



**Nana Calimeris**



**Hugo Sales**



**João Gomes**



**Erick Rezende**



**Guilherme Xavier**

Muita gente me pergunta o que é preciso para ser selecionado, mas a verdade é que não há fórmula nem regra rígida. Se você gosta de literatura de ficção científica, curte histórias instigantes que te faz pensar, então já está no caminho certo. Aceitamos todo o tipo de histórias fantásticas, sejam aventuras espaciais com monstros e robôs, sejam viagens intimistas entre dimensões paralelas. Você imaginou uma história que se passa em um outro mundo, onde os homens cavalgam dragões alados e se armam com cristais que emitem poderosos raios — como magia? Nós gostamos disso também! Os limites estão na sua imaginação e queremos mesmo que exercite ela. Publicamos textos grandes, médios e pequenos — quer mandar uma ficção-relâmpago com 500 palavras? Publicamos também! Então espero que tenha ficado claro: não há regras de tamanho nem temas melhores ou piores. Queremos boas histórias!

**Bem, dito tudo isso, agora vamos a algumas dicas de ouro, que certamente farão seu conto ter mais chances de ser selecionado:**

- Escreva de um jeito simples e direto, de forma que o leitor entenda tudo o que você quer dizer. Excessos de termos técnicos, frases longas ou descrições demoradas podem atrapalhar o entendimento do texto.
- Revise seu texto (ou peça para um amigo fazê-lo). Um conto bem escrito, sem erros de português, é sempre um conto melhor.
- Tenha consciência de que tudo que está no texto é necessário. Contos longos exigem mais técnica literária e suas chances de errar aumentam. Por vezes, menos é mais.
- Conte uma história, debata uma ideia, mas lembre-se que é sempre bom mostrar personagens que sintam, que desejem, que sofram, que vivam ou que morram. Bons personagens seguram o leitor e são os seus olhos e ouvidos no mundo ficcional que você criou.

É obrigatório falar do Brasil ou ter personagens brasileiros? É claro que não. Mas tenha em mente que grandes autores falam daquilo que conhecem bem, daquilo que têm alguma intimidade. Como brasileiros, conhecemos bem o nosso lugar, nossa cultura, nossa frustração. Esteja preparado para críticas e sugestões. Os textos publicados

passam por um processo de leitura crítica do editor junto ao autor, é assim que profissionalizamos nossa literatura. Mal posso esperar para ler e publicar suas histórias!

**Envie seu texto para o email:**

[envio-somnium@clfc.com.br](mailto:envio-somnium@clfc.com.br)

E coloque no assunto a palavra “CONTO”.

*Rubens Angelo, Editor*